

SAGA DE ANTADORA

À MANEIRA DE PREFÁCIO

Aos guerrilheiros

- Da Luta armada de Libertação Nacional de Moçambique
- Que cumpriram o dever militar por imposição e honraram Portugal
- Às suas famílias

Aos leitores

Pode parecer-lhes estranho que de todas as histórias que ouvi contar em Cabo Delgado à beira dos míticos Rios – Muera, Messalo, ou Lago Ngouri, tenha escolhido Antadora da família Muera, para a ligar ao Chefe local Oasse, que deu depois o nome ao Largo do “Aço”.

Onde uma folha ao mover-se motivava uma rajada de metralhadora, hoje trabalham, vivem, estudam milhares de Moçambicanos e Moçambicanas.

Um escrito que remonta **desde** os dias da I Guerra Mundial em Moçambique, e a premonição dos ventos da liberdade, protagonizada pelo Alferes Craveiro Lopes, o qual nas margens do Rovuma viu morrer camaradas de armas brancos e negros; Trinta anos depois Presidente da República Portuguesa, regressou a Cabo Delgado; **até** ao Primeiro Presidente da então República Popular de Moçambique Samora Moisés Machel – homenageando aqui a mulher moçambicana na pessoa de Josina Machel – personalidades que me atraem de tal maneira, que vou dar largas à verdade INTEGRAL no Capítulo XII e à imaginação nos restantes, o contarei a meu modo, baseado na verdade dos factos, na vivência directa de Norte a Sul do novo País, no fascínio de África e de Moçambique, no ano das celebrações da Independência Nacional.

As fronteiras de hoje, globais à escala planetária, são piores e mais selvagens que nunca.

Por isso, é bom que se saiba que em Portugal e Moçambique existe entre o povo a convicção de que as velhas fronteiras são uma coisa muito remota, apenas contida em histórias cheias de preconceitos e juízos de valor, acerca do que era melhor e agora pior ou vice-versa.

Quando penso nisso, lembro-me imediatamente do 1º sargento GE Joaquim Sualé, com expressão iracunda e de punhal na vertical para suportar a queda do corpo da criança que a outra mão tinha elevado ao ar.

Quando penso nisso, lembro-me imediatamente do enorme Tivane, protótipo do negro ou branco, sentado em atitude pensativa, com a cabeça toda ligada, os olhos exprimindo ódio pelos guerrilheiros de qualquer dos lados que o atingiram numa emboscada.

Dum lado e doutro, os próprios ou os descendentes, são um grupo de estranhos e incompreendidos portadores da história de Moçambique, cuja mata é mais do que uma imensa estepe verde.

Foram e são – eles e elas, que ao abandonarem os seus lares, nunca experimentaram um minuto de sossego ou sono tranquilo, até se ter cumprido o imperativo legal e afectivo de devolver Moçambique aos Moçambicanos.

Com suor, pólvora, ferro, sangue, fome, sede:

E com muito amor feito.

Agora, ontem, hoje, amanhã, pela mão dum providencial europeu José Arruda, o competente Juma aos comandos numa vetusta mas resistente Toyota Coaster assessorado pela disciplina táctica do Rato, ao órfão da guerra civil moçambicana o esforçado carregador Agostinho, com todos os seus defeitos e qualidades, com ou sem apoios estatais, os guerrilheiros de ambos os lados, solidários, serão sempre lembrados percorram ou não os antigos cenários de guerra – em paz, sem minas nem emboscadas.

E porque respeitar os líderes acima citados é honrar o povo que os segue, Muera e Oasse – míticos seres do planalto que lado a lado conviveram com o sofrimento, a morte, a guerra, a fome e a sede e tal como milhares de reais moçambicanos e portugueses, devolveram Moçambique a Moçambique, e Portugal a Portugal, aqui se elevam ao mesmo nível.

ROTAS MARÍTIMAS E AÉREAS (I)

O aeroporto militar de Figo Maduro era e é um conhecido ponto de partida e de chegada de diversas guerras, anexo ao da Portela, este (na época da guerra colonial) para quem tinha dinheiro para vir de férias à Metrópole, foi agora utilizado no regresso a Moçambique.

Naquele, nos idos de 4/12/1974 finda a Comissão de Serviço Militar por imposição em Moçambique o choque da temperatura de Inverno em Lisboa, contrastou com a amena temperatura tropical da ex-Lourenço Marques, onde cerca de doze horas antes, tinha descolado, ao transpor a porta da aerogare, prometeu a si próprio regressar.

Foi preciso passarem trinta longos anos para que o João e a Manuela transportados pelos filhos Ricardo e Cleide, chegassem ao Aeroporto da Portela integrando-se num grupo de ex-combatentes e familiares rumo a Maputo, Cabo Delgado e Nampula; desconhecidos entre si, cedo se identificaram com os companheiros face à multiplicidade de motivações, fossem elas do Turismo à Missão, do Lazer à Terapêutica, da Aventura a Estudos de Mercado...

Longe iam os tempos de infância e adolescência do João, quando no Entroncamento, promissora vila ribatejana fervilhante de gente, à beira da linha do caminho de ferro, os comboios idos e destinados de Norte a Sul, passaram a partir dos anos sessenta em que os militares algazarreavam os gritos de passagem à “peluda” a um silêncio algo misterioso. Porque seria, que se deixaram de ouvir os militares que agora iam no interior das composições, silenciosos em direcção a Lisboa? A pouco e pouco as coisas foram evoluindo nos jornais e na televisão, e chegava a ideia que os militares portugueses passaram em África a estar envolvidos em guerra. Na Escola, os desenhos e fotografias dos livros de história mostravam Gungunhana e Mouzinho, e o tal fascínio de África e das Africanas nas suas vestes tradicionais ou despidas como nunca se via na Europa, iniciavam a atracção pelo desconhecido.

É verdade que a comoção dos adultos e as histórias dos militares que regressavam encaixotados e nos funerais, a guarda de honra e as salvas de tiro contrariavam a atracção pela aventura africana, mas a vez do João chegou com a marcha inexorável do tempo. E se o tempo passa depressa!

O Mote foi dado pelo chefe de grupo e organizador José Arruda, quando recomendou que chegados a Moçambique, as Doações deveriam ser feitas na mão, em atitude frontal de

igual para igual, e nunca arremessadas para os magotes de crianças que iríamos encontrar nas diferentes aldeias, vilas e cidades.

Ao sobrevoar o Continente Africano, a admirável e extensa paisagem do deserto SubSariano parecia antecipar a chegada.

Mavalane, aeroporto de Maputo e as inerentes formalidades de fronteira evidenciavam que estávamos noutra País; o controle de bagagens - bagagens essas à saída arduamente disputadas pelos carregadores a fazerem jus ao termo “desenrasca” que caracteriza a economia paralela que predomina; (“desenrasca” é uma herança muito portuguesa que ficou) mas como o Hotel Íbis providenciou com eficácia o transfer, poucos minutos depois, estávamos instalados com todo o conforto e segurança, perto da antiga Rua Araújo, das fantásticas noitadas de Lourenço Marques.

Em Março de 1915 dá-se a declaração de guerra entre Portugal e a Alemanha, pelo que receando-se um ataque a Moçambique vindo da colónia alemã do Tanganica (Malawi), é organizada uma expedição a Moçambique sob o comando do Coronel Moura. Dessa expedição faz parte

- Alferes Monteiro.

À chegada a Lourenço Marques, este recebe um estandarte bordado pelas senhoras, para o conduzir como porta-estandarte da expedição. O comando, recebe ordem para tomar Kionga, uma pequena faixa de território junto à Baía do mesmo nome a sul do rio Rovuma, que tinha sido ocupada à força pelos alemães em 1894

Regressemos à viagem dos ex-combatentes, os quais no dia seguinte, bem cedo, depois dum lauto pequeno-almoço, de novo ao aeroporto de Mavalane em direcção a Pemba, antiga Porto Amélia.

A actual LAM – Linhas Aéreas de Moçambique, distribuiu bonés a todos os passageiros desse voo, pois comemorava o 25º aniversário em 14/5/2005, com um serviço de bordo a dar “meças “ a qualquer Companhia de Aviação Europeia, propiciou que admirássemos dumas vezes o fantástico interior – doutras, a magnífica Costa Moçambicana, sucedendo-se Bazaruto, Beira, Quelimane, escalando depois Nampula das montanhas, para rapidamente chegarmos à denominada Pérola do Índico, PEMBA.

O Ilídio, do alto dos seus quase 2 metros de altura, cedo reconheceu no terraço do Aeroporto o condutor do vetusto mas imparável autocarro Toyota Coaster, pelo que da pista gritou com o seu vozeirão: JUMA! Recebendo de imediato a resposta com gritos de contentamento não só do Juma, como também do Rato transportador e responsável pelas bagagens no tejadilho, e do Agostinho que assumiria o trabalho de carregador e acompanhante atento, nomeadamente nos momentos mais difíceis de compra de meticais em condições vantajosas.

É que o Ilídio, no ano anterior tinha já percorrido Cabo Delgado.

Por agora, à Beira do Oceano Índico no Complexo Nautilus, o desfrute do conforto a contrastar com as dificuldades económicas e sanitárias que grassam num País em reconstrução, – ainda com sequelas da Guerra Colonial e da Guerra Civil terminadas, mas em paz total.

MARGENS DO ROVUMA (II)

O Alferes Monteiro executa a acção com sucesso sem encontrar resistência, por retirada do inimigo. Estabeleceram-se então vários postos de observação ao longo do rio Rovuma, a partir dos quais se faziam reconhecimentos em território hostil.

Nestes reconhecimentos tornou-se notável a sua acção no contacto com o inimigo, sustentando vivo combate com intrepidez digna de louvor.

Monteiro, comanda o serviço de reconhecimento e observação e mais uma vez é ele que primeiro troca tiroteio com o inimigo, e fá-lo de tal forma que mereceu os maiores louvores. Infelizmente o comandante do destacamento é morto por fogo inimigo e as forças tiveram que voltar para Newala, sob o comando firme e sereno do Alferes.

Não sabia qual o som que tinha ecoado primeiro. O barulho dos disparos ou os gritos lancinantes dos feridos? Qualquer que fosse a resposta, não esperou por mais nada e deu logo um salto. Agarrou na Mauser e saiu a correr da sua pequena tenda de três panos para o meio da clareira na floresta. Dos enormes tufos de vegetação que rodeavam a área, estavam a sair alemães de arma na mão mas também francamente assustados. Monteiro tinha na cabeça o pequeno boné de oficial do exército e aproximou-se de um batedor nativo. – Alemães por todo o lado, ouviu sem que tivesse chegado a perguntar. O jovem nativo mal podia falar. – Com cães! Quantos eram? – Muitos! Acertaram em dois soldados e no comandante!

O erro já não se podia evitar, tinha de sair dali já com os seus homens.

A crescer à forma deficiente como foram organizadas as expedições pelos comandos na Metrópole, nomeadamente a falta de rendição das tropas doentes, as faltas de abastecimentos e medicamentos, e os transportes para suprir as necessidades das tropas,

Também nos anos sessenta e setenta, o planeamento era deficiente, O que tornava inútil ou quase inútil todo o esforço despendido nestas gloriosas acções: Newala foi cercada de novo pelos alemães e as tropas Portuguesas tiveram que retirar por falta de efectivos, falta de munições, falta de mantimentos e devido ás doenças que grassavam entre os sobreviventes.

Não era uma guerrilha, mas o terreno já o sugeria. Anos mais tarde, a guerrilha foi o meio de luta armada de libertação nacional de Moçambique.

Já no princípio do século XX Macuas e Macondes trabalhavam arduamente com os militares portugueses; a Norte de Moçambique lutava-se em conjunto pela liberdade contra o invasor alemão, no Sul o Capitão Mouzinho de Albuquerque e o Régulo Gungunhana, tinham-se travado de razões. As guerras têm sempre destas lógicas!

A avó da Mina, de nome Taoala, estava na praia em Mocímboa a ensacar as sapateiras pescadas, quando um enorme barco aportava ao largo vindo do mar alto, um barco estranho, diferente dos grandes paquetes que de vez em quando se vislumbravam no horizonte a pouco e pouco as gentes da vila vieram para a praia, murmurando ainda mais quando um pequeno bote descia do convés seguido do lançamento duma escada de corda pela qual desceram seis militares, pelo que o povo se aproximou mais do passadiço que servia de cais onde pouco depois entraram os militares armados até aos dentes.

Entretanto, o administrador chegava montado a cavalo.

A frente dos militares vinha um oficial, logo cumprimentado pelo Administrador, que seguiu com eles numa galera até ao posto administrativo.

O terreno diversificado em termos geológicos, argilo-arenosos onde a floresta se adensava, a parecerem as formações calcárias da Metrópole onde a floresta se adensava. Nos vales apertados onde aflorava a humidade era muita savana e capim a acentuar os mosquitos e o calor.

O capim roçava-lhe no rosto à medida que ele avançava, suando, para a torre de transmissão cuja silhueta de madeira já vislumbrava; as palhotas de bambu que alojavam os soldados de infantaria e, por trás disso, as sombras esbatidas de algumas palhotas da aldeia. A partir de certa altura sempre de rastos, fez sinal aos militares que o seguiam para que parassem.

- Devagar e em silêncio, rapazes – murmurou, dando assim início à operação. Num abrir e fechar de olhos, os homens lançaram-se e confundiram-se com o campo de mandioca que rodeava a entrada principal para a torre. Na manhã desse dia, uma chuva persistente tinha inundado a planície tornando-a num pântano fétido, e obrigando-os a terem especial cuidado para que os seus corpos, num rastejar rápido, não fizessem o mais ligeiro ruído. A trinta metros da entrada, o grupo que tinha por objectivo arranjar sarilhos aos alemães, estava pronto para

atacar a torre de transmissão, que servia todos os grupos de combate inimigos a operar nas margens do Rio Rovuma.

Esmagando um mosquito que acabava de lhe picar no ombro, Castilho estudava a única sentinela de guarda à entrada. Quase que via o rosto insensível do alemão por baixo do seu elmo oval. – De repente ouviu-se um ruído. O alemão também o ouviu e virou imediatamente a sua arma para a plantação de mandioca. Instintivamente os portugueses enterraram o rosto na lama e Castilho encostou-se mais ao áspero capim. – Que diabo vem a ser este barulho? Interrogou-se a sentinela; levantou a cabeça deu com os olhos num gato. Riu-se descontraído. Castilho ao ver isto pensou: Está a viver os últimos momentos. Passado algum tempo, o indígena afecto ao alferes Castilho acertou-lhe com uma seta conforme planeado, seguindo-se o assalto ao fortim completamente de surpresa.

Nesta altura quem diria que atitudes similares se repetiriam muitas vezes durante a guerra do Ultramar?

- Se estes tipos se mantêm atrás de nós não temos muitas possibilidades. Disse Monteiro para si próprio. O suor escorria-lhe pelo rosto queimado do sol enquanto tentava não deixar pistas ao inimigo. Queria atravessar o Rovuma, mas só havia um processo: trocar os caminhos aos alemães. Já conheciam melhor a floresta desde os reconhecimentos pelo que podiam usar essa vantagem para os enganarem e surpreender. De repente parou, – Agrupem-se atrás de mim, e sigam-me! Embrenharam-se no meio duma plantação de palmeiras. Quando saíram do outro lado, estavam no meio de nova clareira. Com Monteiro sempre à frente andaram mais de meia milha até ao seu término. À sua volta, os bambus cresciam entrelaçados com várias plantas espinhosas. Sentiu que uma se enterrara no seu braço, por onde corria um fiozinho de sangue. Um calor insuportável fazia o suor correr em bica e quase se tornava impossível respirar. Mas sabia que todo esse desconforto seria muito pior se os alemães lhes caíssem em cima. Avançaram um pouco mais para o interior da floresta. Por fim, deram com um pequeno curso de água na qual entraram imediatamente, mas seguindo em direcção oposta àquela em que tinham vindo.

– A meio do caminho parou para explicar: Eles vão seguir-nos. Como não encontram as nossas passadas do outro lado da água vão voltar por onde vieram. Agora com uma excepção.

- Desta vez nós já lá estaremos.

Só no dia 6 de Setembro tinha chegado à base em Palma o vapor Beira, desembarcando a companhia de transportes, onde vinha Dora, de catorze anos, mulher de Gutarata. Essa companhia, que deveria ser das primeiras a desembarcar mas fora demorada em Lisboa por vários transtornos, incluindo a greve dos operários metalúrgicos. As dificuldades de descarga eram evidentes em função dos terrenos arenosos junto à Costa, fundos e permeáveis – a sustentarem palmares bons para usos industriais e as lagunas marinhas extensas e pujantíssimos mangais que já nessa altura matavam a fome aos militares portugueses e indígenas.

Durante os dois meses de demora na base em Palma, aguardando os transportes que só chegaram em Setembro, as tropas não estiveram ociosas, porque o tempo foi dedicado à instrução militar e ao levantamento de barracões para armazenar víveres e todo o material, que ficou a coberto. Os navios levavam às vezes quinze dias a descarregar, sendo em Setembro também empregados os soldados brancos na descarga dos cunhetes, trabalho muito fatigante naquele clima.

Entretanto no fortim, os homens do grupo do alferes Castilho com extraordinária precisão começaram a colocar granadas à volta das barracas dos alemães a distâncias regulares. Ficavam presas por um fio comprido de modo a serem disparadas mesmo a vinte e cinco metros. O trabalho ficou completo em dois minutos, e o alferes abrigou-se debaixo dum portal com o fio preso no seu pulso esquerdo.

Faltava pouco tempo para a patrulha inimiga passar, e a corda esticada pronta para provocar a detonação, os segundos os minutos passavam e a espera eternizava-se. Momentos depois, o barulho dos cantis a chocalhar e o aparecimento da patrulha fez Castilho dar um violento puxão na corda, a que se seguiu uma violenta explosão.

O Fortim foi destruído, os alemães em fuga, os vaus eram agora menos lixados.

O resultado da reunião com o Administrador de Mocimboa da Praia foi que centenas de Macuas e Macondes seriam contratados a troco de alimentos para desembarque de 1.500 solípedes, tal facto representou também um grande contributo da população para apoio aos confrontos. A derruba de mato circundante em extensão considerável, e a plantação

de mandioca, para defesa contra a invasão da mosca tsé-tsé foi uma atenciosa informação de Taoala, aos militares portugueses.

Na guerra do Ultramar, os Grupos de Integração eram constituídos por militares recrutados do contingente do Estado Moçambique, independentemente da raça ou cor da pele, o que não acontecia na 2ª Guerra Mundial, pois eram recrutados só os indígenas da Colónia moçambicana.

Voltando ao seu lugar estratégico na selva, os indígenas militares, alojaram-se em cima das palmeiras que ladeavam o caminho. Durante algum tempo, mantiveram-se silenciosos na expectativa da chegada dos alemães. A paciência de Monteiro estava já a evaporar-se. Começaram a ouvir-se gritos à medida que o inimigo se aproximava, já enervados porque não sabiam donde provinham. Monteiro, olhava para os primeiros soldados que surgiram a tiro. A sua Mauser disparou e o oficial inimigo tombou no chão com um buraco vermelho no ouvido. Aquele disparo seria um sinal para os indígenas. Em menos de um segundo, surgiam disparos de todos os lados sobre os alemães desorientados que corriam de um lado para o outro tentando em vão descobrir um alvo sobre as palmeiras. Meia dúzia de alemães, uns mortos e outros feridos, estavam espalhados ali perto e os cães saltavam e uivavam. Depressa alguns inimigos tentavam fugir correndo pelo caminho por onde tinham vindo. - Vão atrás deles. Não deixem escapar nenhum! - gritou Monteiro, descendo depressa do seu posto para dirigir a caçada. Como raposas atrás de coelhos, Cura e os nativos, apanharam um a um todos os alemães. No regresso à base, em Quionga, Monteiro e os seus homens recolheram todos os despojos constituídos por bons víveres e moderno armamento que ultrapassava em muito a eficácia das Mausers.

Monteiro com um sorriso de satisfação, olhava o cenário. Nem um só alemão da sua zona de controlo tinha escapado e entre os seus homens só havia três feridos dos quais nenhum de gravidade.

De repente, um dos indígenas avançados, saiu da floresta arrastando à sua frente um guia também indígena, acusando-o de ser informador dos alemães por o terem visto a falar à socapa com um oficial alemão detido!

- Nos tomamos conta dele, meu alferes! – anunciou Gutarata, o mais operacional dos indígenas, ordenança do alferes Monteiro desde Lourenço Marques, que trouxe consigo a sua

mulher Dora, a trabalhar na secção de transportes em Mocimboa da Praia. O qual, com um sorriso significativo que abrangia a faca que trazia à cintura quis actuar de imediato. Os olhos de Bonu, o guia saltavam de medo. Atirou-se aos pés de Monteiro.

- Não, por grande favor, meu alferes. Perdão!

Monteiro, sabia o que Gutarata tencionava fazer. Os indígenas tratavam ainda com processos muito arcaicos os seus traidores. A brutal cerimónia consistia em cortar todos os apêndices externos uma um começando pelas orelhas, continuando com os dedos dos pés e das mãos enquanto a vítima gritava louca de dor. Embora a culpa estivesse toda do lado de Bonu a ideia de tal barbárie aborrecia Monteiro. - Não, não o vamos torturar Gutarata disse com firmeza. – Tratá-lo-emos como aos outros prisioneiros. – O desapontamento estampou-se no rosto de Gutarata mas obedeceu ao seu “patrão”.

Pararam à entrada duma fazenda, mas dois indígenas da casa do agricultor Sr. Silva, que se encontrava ausente com a família, vieram informar que o patrão deixou recado para franquear a casa aos oficiais brancos que passassem por ali.

SERVIÇOS SECRETOS E BAILE (III)

Entretanto, em Mocímboa da Praia, o Tenente Furtado dos Serviços Secretos, tinha muito tempo livre, e numa tarde de domingo, internara-se pelo aldeamento de Nanduádua e acabou por entrar na cantina onde havia um baile, com musica Europeia rodando num velho gira-discos. Havia um círculo de nativos a rodear a pista de dança. Os seus olhos, nunca mais se despegaram duma elegante negrinha macua de pernas esguias e pele brilhante, de olhos escuros muito vivos e lábios muito bem desenhados que dançava ininterruptamente com o mesmo par. Passaram-se as horas e ao anoitecer regressava ao acampamento militar a pensar na esguia figura que tinha admirado. Ouve passos apressados atrás de si, e de repente surge à sua frente a tal negrinha, que lhe diz: “ Espera, que a gente vai.” Sem esperar resposta, volta para trás a correr. Ele segue-a mais devagar de novo em direcção à cantina.

Entra de novo, das lamparinas sai uma escassa luminosidade, suficiente para assistir à despedida do jovem casal. Saberá nessa noite que era Taoala e Saíde, casados – o marido e tinha arranjado emprego em Porto Amélia, e por isso ia iniciar o primeiro dia de trabalho.

Entretanto a Norte a guerra continuava para controlo do território.

Entretanto, ordenaram a Monteiro que mudasse outra vez o seu posto de observação para perto de Mocímboa da Praia, junto à Ponta Sul do pequeno Cabo. Não lhe explicaram a razão da mudança. Informaram-no somente que era de interesse vital que ali estivesse. Seguindo as instruções ultrapassou o monte malabite, completamente coberto de vegetação e que lhe levou umas quatro horas. De madrugada descobriu a razão porque o haviam mandado para aquela área. “Neste momento os Marines alemães acabam de desembarcar a Norte de Mocímboa da Praia”.

Instintivamente, Monteiro olhou para o céu. Já calculava o que o comandante lhe ia dizer: - A primeira coisa que os alemães vão fazer assim que se recompuserem do choque é enviar bombardeiros para recuperarem a iniciativa. – Há só uma base na zona capaz de enviar bombardeiros: Madagáscar.

Monteiro compreendeu logo como tudo se iria processar. Os aviões passariam mesmo por Mocímboa da Praia, em direcção ao Rio Rovuma onde os combates se encarniçavam, Ele seria, portanto, a avisar como e quando o ataque aéreo alemão.

Agora, é vital – continuou o comandante – quando é que os alemães passam por cima e quantos aviões. Queremos saber. - Não se preocupe com isso. Contá-los-ei em duas línguas.

Mal tinham passado duas horas, quando Monteiro ouviu um ruído forte que vinha de Oeste. Com um dos indígenas do seu lado, - Gutarata, pegou nos binóculos e perscrutou a linha do horizonte. Depressa distinguiu umas formas escuras que a pouco e pouco se avolumavam para se transformarem nas silhuetas monstruosas dos bombardeiros.

- Eu conto vinte e quatro e tu? Perguntou ao seu companheiro nativo.

Feita a comunicação, com a recepção preparada em Quionga, Monteiro ficou feliz quando viu de vinte e quatro regressarem nove aviões para a base no Madagáscar. Mas a sua colaboração no serviço de informações ainda estava em embrião, tal era a sua eficácia.

Entretanto Saíde, veio a Mocímboa da Praia e depara-se com o relacionamento diário do Tenente Furtado com Taoala a sua mulher, ficou desgostoso e foi para a cantina onde encontrou Dora – nessa mesma noite abandonaram Mocímboa da Praia sem destino, parando apenas junto ao Rio Muera antes do Chai. Aí se estabeleceram, tendo o Tenente Furtado algo comprometido, providenciado o registo da concessão dos terrenos na Repartição da Fazenda de Mocímboa da Praia. Saíde nunca mais regressou a Mocímboa da Praia, mas o seu filho ia visitar o pai frequentes vezes, e por isso ficou a ser conhecido na vila pelo nome de Muera pois ficava sempre contente com a viagem e dizia isso à vizinhança e amigos.

Seguiu-se depois a modelar reorganização administrativa colonial. Finda a guerra de 1914 a 1918 Cabo Delgado conheceu de novo a paz, Mas o contacto com os militares europeus, e a formação e educação das unidades autóctones moçambicanas lançou as sementes incontornáveis dos desejos de autodeterminação.

Entretanto os políticos portugueses avançaram em força para o Paraíso Moçambicano, e com eles os avanços e os recuos em todo o território colonial.

Se as Unidades indígenas tão bons serviços militares prestaram, se as populações tanto trabalharam na logística para a guerra, para que o vexame das medições de inteligência?

A resposta surge dramaticamente num projecto colonial sem respeito pelos Direitos Humanos.

Taoala, lembrava-se bem dos primeiros contactos com os militares portugueses em Mocímboa da Praia, um dos quais se aproximou dela que não falava português no sentido de

lhe perguntar que bichos eram aqueles, que ela transportava no saco de linhagem semi-recta nas longas histórias que contava à sua neta Mina.

O Acampamento da primeira leva de militares desembarcados foi montado junto à casa dela e foi nas imediações que o grupo tomou a primeira refeição de sapateira acompanhada com vinho branco também desembarcado.

Vinham agora estes brancos, civis, medirem a sua inteligência.

O PLANALTO (IV)

Aos trinta e cinco anos, Taoala acompanhada por Muera, nome que ficou em função do local onde estava o pai, era ainda uma mulher lúcida e experiente face aos contactos frequentes que tinha tido com o Tenente Furtado, sepultado em Mocimboa da Praia por não ter resistido ao Paludismo, foi chamada à Administração para se submeter a testes de medição de inteligência, ripostou negativamente o que lhe valeu uma coronhada desferida por um sipaio face a sinal feito pela autoridade administrativa.

Submeteu-se.

Muera, fugiu para casa e quando a mãe chegou apressou-se a saber como ela se sentia ao vê-la lavada em lágrimas com uns papéis na mão; ela tinha aprendido a ler com o Tenente Furtado, e leu as perguntas que lhe fizeram pelo que Muera, aos dez anos de idade, em 1938 percebeu o que era a discriminação e o desrespeito pelo ser humano.

Doze anos depois, já casado, foi para os terrenos à Beira do Rio Muera onde vivia isolado numa palhota o seu pai que se tinha separado de Taoala por não ter resistido ao relacionamento da sua mulher com o Tenente Furtado, A sua madrasta, era a Dora que certo dia ao ir para a machamba foi mordida por uma cobra venenosa e morreu no espaço de 24 horas. No funeral Muera sugeriu ao pai que chamasse Taoala para se juntarem de novo. O pai respondeu: - antes a Dora, e chorava. Cinco dias depois, morrera mãe Taoala veio ao funeral... o filho contou-lhe a conversa que tinha tido com o pai e a resposta dada: Antadora, Ela repetiu Antesadora, Antesadora, ANTADORA! Muera, e a família, os donos legítimos de Antadora!

Nos anos sessenta, o mistério e a natureza incontrolada do planalto dos Macondes tinham roubado muitas horas de meditação à vida solitária de Oasse no cruzamento para Antadora;

Os guerrilheiros tinham sempre uma história estranha a contar acerca desse vasto planalto. Mas Oasse, ainda não tinha visto a sua altitude e imponência onde Muera o levara, nem jamais sentira um fascínio tão forte como o que lhe foi causado agora. É que Muera, maconde, insistia que o Planalto era o último grande refúgio antes da vitória final das bases da Luta Armada de Libertação Nacional, e a sua retirada estratégica de Antadora perseguido pela

tropa colonial que ali tinha vindo fazer segurança à exploração de madeiras do Magalhães, o qual em 1974 tinha uma agência de viagens em Porto Amélia.

Muera e a família desapareceram para lá do Vale Miteda e da Curva da morte, nas fortalezas alcantiladas a Sul do Planalto. O olhar de Oasse – macua, desviou-se do planalto para se deter na face queimada do companheiro mais velho. Poderia acreditar nele?

Os Macuas conheciam a eficácia e bravura dos Macondes mas não confiavam neles com facilidade. Todavia, Oasse então também fustigado pelos militares, tinha-se tornado amigo de Muera, porque era tempo de juntar esforços para a Libertação.

- Muera... tem a certeza ... que a base no Planalto tem futuro? Perguntou na complicada mistura de dialectos Maconde e Macua!

- Como podes duvidar? Retorquiu Muera, ansioso. Oasse fez um gesto largo em direcção à ponta norte do Planalto, quase perdida na neblina rosada da distância. O movimento do braço e da mão tinha qualquer coisa de singular, tão peculiar nos africanos.

Quarenta anos depois, o mesmo gesto fez Falaquino em Montepuez, quando o grupo de ex-combatentes liderado por José Arruda aguardava pelo jantar no restaurante da fábrica de algodão “Plexos”, à conversa com João ao saber que este tinha sido o último furriel miliciano enfermeiro de Antadora, para declarar de imediato: Eu nasci e fui criado em Antadora. Sou neto de Muera, a minha mãe é a Mina, e o meu pai o Justo.

João e a Manuela estremeceram. Asseiceiro engoliu em seco o facto de estar a ter um duplo impacto:

- Mas Antadora é um buraco?!

- Você é filho da Mina?

- Nada disso, Antadora está povoada, e rodeada de machambas e de campos de arroz.

Retorquiu Justino. Entrelhámo-nos todos.

O meu pai era Comandante numa base da Frelimo na zona de Diaca!

De Pemba a Montepuez, recordámos a estrada alcatroada e a sinalética:

- Limite de velocidade 80 km por hora

- Cuidado com os peões

Recordámos também o cruzamento da viúva, a última fronteira entre um mínimo de segurança e a guerrilha total nos anos sessenta e setenta; com as indicações para Nampula,

Pemba, Montepuez, e antes para Metoro, Namapa e Macomia, sem esquecer as saudações dos ocupantes das muitas viaturas que se cruzavam connosco, e a mesma afável atitude de quem descansava junto às palhotas, durante centenas de quilómetros.

As artesanais fábricas de carvão e venda, de lenha, tábuas, frutas etc. era bem possível que Antadora não fugisse a esta regra de vitalidade genuína e agreste.

Tal gesto de Falaquino similar ao de Oasse separados por décadas, sugeria desvios de caminho, desfiladeiros profundos a atravessar, longas distâncias a percorrer. De seguida, Muera falou com a simplicidade dum chefe cuja palavra não admite dúvidas.

- A Frelimo manda, nós cumprimos.

Talvez a dúvida de Oasse fosse correcta, mas fez com que Muera sentisse o sangue ferver nas veias, pois tinha já subido as rochas da encosta verde com veredas e trilhos que levam à altaneira ravina do planalto impossível de aceder aos militares.

Os guerrilheiros, embora deixassem rastos, iam e vinham quando queriam.

Os seus olhos de lince, camuflados pelo capim espiavam quando queriam o inimigo, limitado às cercanias de Antadora.

Também Oasse e o seu povo, alojado no cruzamento para Mocimboa da Praia tinham a liberdade ameaçada já que o mesmo Comandante de companhia que fustigara Muera, o perseguia agora a si e à sua gente.

Muera, no planalto andava à vontade entre cabritos e galinhas do mato e até se misturava com os militares em Moeda para depois os emboscar ou abonar com granadas de morteiro.

Oasse agora e a resolução apaixonada de integrar a base do planalto, que há muito o perseguia, a tal atracção violenta da montanha altaneira, estavam justificadas.

Exultante, exclamou:

Liberdade! Estou finalmente no teu rasto, que fique o buraco de Antadora para os militares, Muera, discretamente... Sorriu.

NOVAS GERAÇÕES (V)

Oasse e Muera e famílias, integraram as bases da Frelimo, infiltrando-se sempre que queriam, nas localidades controladas pela tropa. Despertava-lhes então uma espécie de abandono àquilo porque sempre aspiravam – Liberdade sem obrigação do trabalho de guerrilha, sem restrições nem vontades doutros.

Na verdade a vida tinha sido bastante dura... por um lado, se estavam nas suas terras eram fustigados pela tropa, por outro – agora na luta armada, contrariavam os seus instintos normais de paz, como se estivessem a adivinhar o destino – um bombardeamento durante a “Operação Nó Górdio”, roubou-lhes a vida!

Em Torres Novas, João frequentava a Escola Secundária o seu aproveitamento era quase nulo, as actividades circum-escolares preenchiam-lhe o tempo e o imaginário quantas vezes para lá dos Oceanos – depois, o regime político vigente acenava com a Organização Nacional Mocidade Portuguesa e bons acampamentos, acções de formação apelativas à imaginação adolescente onde influiu um formador o Major Duarte Pamplona, Deficiente das Forças Armadas, movendo-se com pernas artificiais em resultado do rebentamento duma mina na Guiné. Era um professor austero que dava também aulas de subversão e contra-subversão na PIDE/DGS.

Da Adolescência à idade adulta foi um ápice, aos vinte anos de idade assentou praça na Escola Prática de Cavalaria em Santarém, convicto de que chegaria a sua hora de conhecer África e a Guerra do Ultramar, convicto de almejar o sonho na altura, designado Portugal Continental, Insular e Ultramarino, multiracial e pluricontinental.

Antes, já havia tomado posse como Aspirante da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, e mesmo assim aceitou de bom grado o interregno profissional, provocado pelo Serviço militar e a mobilização entretanto ordenada para o Estado de Moçambique, depois de acabado o estágio na especialidade de Enfermeiro.

Durante o Estágio, descia a ladeira do Hospital Militar de Tomar, no seu ciclomotor para gozo de fim-de-semana quando numa curva, uma motorizada fora de mão provocou um choque frontal.

Depois da queda, ao levantar-se ficou quase em estado de choque pois a cena era medonha... as máquinas semi-destruídas, reconheceu o Pinto, 1º cabo em vésperas de passar

à peluda como se designava a disponibilidade, que jazia imóvel no meio da estrada. Uma dor estranha, afectava-lhe os maxilares. Entretanto começou a chegar gente, e mesmo ferido reassumiu as funções de sargento de dia que antes tinha deixado na sua unidade militar. O outro sinistrado foi de ambulância para o Hospital, também as motorizadas acidentadas carregadas nas viaturas do Exército. Sem saber porquê, João foi a pé para o hospital e o último a entrar na enfermaria. No Hospital veio o médico de piquete, que diagnosticou fractura de maxilares, remetendo a radiografia para a segunda-feira seguinte. O diagnóstico foi confirmado. Deu baixa por doença, mas apresentou-se uma semana depois ao Coronel Director do Hospital cuja especialidade era Estomatologia, que se disponibilizou para fazer a intervenção cirúrgica adequada logo que a inflamação estivesse debelada. Dias depois chegou a tal Mobilização. Por esse motivo de novo chamado ao Director, que o informou que já não podia fazer ali o tratamento e que tinha de baixar ao Hospital Militar Principal da Estrela. Consulta externa marcada na maxilo-facial foi ordenado o internamento na Cirurgia. A enfermaria e o refeitório representavam um cenário dantesco onde se cruzava gente de todas as raças, mutilados negros e brancos oriundos dos três cenários de guerra: Angola, Guiné e Moçambique. Ao procurar oriundos de Moçambique, as informações colhidas diariamente dos restantes doentes e feridos em combate, deram-lhe conhecimento antecipado do que o esperava. Havia um Cabo enfermeiro que ali prestava serviço – o Cardoso, que se destacava pelo seu dinamismo e competência.

Semanas depois, a intervenção cirúrgica esperada foi convertida num artesanal bloqueio de maxilares habilmente realizado por um jovem alferes médico estomatologista. Os meses foram passando. E com eles aproximava-se a data de ir formar a Companhia de Mobilização para onde tinha sido nomeado furriel miliciano enfermeiro.

Colocou a questão ao cabo Cardoso e com ela o seu propósito de pedir alta para ir formar a Companhia. Surpreso, o Cabo ainda retorquiu: - Mas o nosso cabo miliciano pode não ir para a guerra por estar aqui internado. Mas eu quero alta médica! Foi a resposta seca. Foi presente ao Director do Serviço que o fez exarar na sua ficha de doente a seguinte declaração: “Declaro que tenho alta a pedido”.

Passados dias, já integrava a 2ª Companhia de Caçadores do Batalhão 4213, surpreendendo quem o via de maxilares bloqueados. Dos especialistas, Foi o primeiro a

apresentar-se, tendo na semana seguinte conhecido o corpo de cabos enfermeiros que ia coordenar em Moçambique. Um deles era o Cabo Cardoso do serviço de Cirurgia do Hospital Militar da Estrela, que se viria a revelar o seu braço direito no Serviço de Saúde de Antadora!

Montepuez também em paz, acolheu durante uma noite os ex-combatentes portugueses e familiares, o João não disfarçava o contentamento por estar de novo no coração de Cabo Delgado, ao seu lado Engrácia, – mais nova vinte anos, cujo exotismo e beleza nos seus trajes tradicionais, o reportava ao passado, – À Mina, à Luísa, à Fátima, à Teresa, à Muari, à Naone, à Ansha – para mentalmente confrontar esta realidade actual de emancipação da mulher moçambicana com a exploração sexual de que eram vítimas no passado colonial – Engrácia é membro do Conselho Municipal de Montepuez.

Uns anos antes, tudo tinha terminado. Descia com cuidado os três degraus de pedra à saída dos Paços do Concelho, e os seus tacões soavam com força a cada passo, como que acompanhando os seus pensamentos. Terminava tudo. Devia sentir-se alegre ou triste. Devia sentir algo. Mas não sentia nada. Só um grande vazio. Era como se tivesse um bloco de gelo no seu interior que lhe congelava a capacidade de sentir. Mais tarde derreter-se-ia dando lugar à dor, mas no momento ela dava graças a Deus por aquela insensibilidade. Era uma espécie de defesa, para acalmar.

– Bom, está tudo concluído.

Comentou o seu colega Autarca.

– Aconselho-a a deixar para trás os sofrimentos e a recomeçar tudo de novo... não lhe será muito difícil – sorrindo-lhe insinuando-se. – É uma mulher muito atraente, Engrácia. Lembre-se disso, e não permita que o que aconteceu destrua a sua autoconfiança – percorreu apreciativamente com o olhar a figura feminina da colega, rompendo a barreira pessoal e profissional que se levantava entre eles. Anastácia ficou tensa. Talvez ele só estivesse a ser amável – mas com muita pena dele, ela estava na defensiva. Admiração masculina era a última coisa que queria. E se o pensava, o disse. Ao afastar-se ignorando o comentário, o colega ficou de pé na estrada a vê-la surpreendido. Admirou a sua postura. “É claro que a morte da bebé a tinha destroçado”, pensou. Só tem 24 anos e é abandonada por um marido que não a merece. Além disso perder a filha foi algo terrível. Meses depois o marido, Presidente do Conselho Municipal de Nanduádua falecera, e ao contar esta história, assegurava que estava

tudo bem em Mocimboa da Praia, embora o ambiente estivesse agitado face à Campanha eleitoral para as Eleições autárquicas intercalares para eleição do novo Autarca.

O Coronel Silvério, actual comandante militar de Cabo Delgado ex-furriel comando do Exército Português, alardeava afectividade face à presença dos antigos combatentes portugueses; a população laboriosa e empresarialmente activa, seja sob o ponto de vista público, seja na fábrica de algodão Plexos, seja na actividade do dia a dia, a representatividade e a presença constante destas duas entidades – calou bem fundo, num convívio de várias horas à beira das instalações paradisíacas da cantina, que as fotografias junto à piscina bem evidenciam. Neste meio tempo, o Agostinho foi à loja dum casal de “monhés” comprar tabaco. Questionado – o que estão cá a fazer os portugueses? Mas ouviu logo de seguida em linguagem autóctone o comentário algo inamistoso: - Os portugueses estão a regressar! Não resistiu pelo que ripostou: Estão só a matar saudades, vocês estão é com medo, foram eles que construíram isto, eles são os donos!

Elucidativo. Ninguém duvide que dormir nas instalações Zavala, bem dentro do aldeamento, numa casa de alvenaria do tempo colonial, de conforto espartano, face aos baldes para lavar a pia, e o caneco do banho maconde, foi um privilégio tão apreciado como dormir no luxo do Complexo Nautilus da praia do Wimbe em Pemba.

“Proibido deitar jeito na pia”

Era um letreiro cujo mistério se desvendaria no hotel da Ilha de Moçambique.

Às 6 da manhã fizemo-nos à estrada para voltar ao cruzamento da viúva.

Improvisado o pequeno-almoço à beira da estrada, no largo onde dezenas de crianças nos acompanharam tentando vender sempre as suas mercadorias, a saber:

Pernas de frango assado,

Amendoim fresco,

Bananas, papaias, mangas.

Feijão, mandioca,

Sabão, tomate macua, e outros produtos;

Machado comprara mamão, que compartilhámos entre água e bolachas.

LUTA DE LIBERTAÇÃO (VI)

Muaguide, Macomia, Xai, Antadora, Largo de Oasse, Diaca, Sagal, Curva da Morte, Moeda, revisitados com o sentimento de quem se curva perante Moçambicanos e Portugueses, cuja morte ou mutilação podia ter sido evitada em tempo útil.

Em Macomia, Juma estacionou na primeira bomba de abastecimento de combustível que encontrou, mas algo lhe dizia que havia água misturada com gasóleo... não se deteve e foi estacionar e abastecer na concorrência para desespero de quem se calhar estava a abusar do “desenrasca”.

Uma pequena multidão nos rodeou, conversando aqui, recebendo donativos ali, vendendo às vezes, saudando amistosamente sempre.

Um tipo com perto de 40 anos, algo andrajoso a cheirar a álcool, interpelou: - Eu conheço-os... foram embora há trinta anos e o que deixaram? Fiquei sem palavras para responder, mas retorqui: - Deixámos Moçambique aos Moçambicanos! Não desarmou. – Tudo bem sou moçambicano. Mas também era português. Agora estou desempregado... como é?

Sem comentários.

Mais à frente no Xai, localidade hoje bem diferente da meia dúzia de casas existentes em 25/9/1964 com a secretaria, a casa do Administrador, a casa do gerente da companhia algodoeira do Sagal, dois estabelecimentos comerciais, um pequeno hospital, a cadeia, as casernas dos soldados, as casas dos polícias e dos sipaios e claro, o aldeamento.

Nesse dia, havia uma festa em casa do administrador porque um dos seus filhos fazia anos. Burahimo o cozinheiro, tinha caprichado na ementa e assistiu à chegada do Régulo de Malane hoje Litandakua – dizendo ao administrador que tinha avistado pegadas estranhas numa picada da sua zona. De imediato se meteram no jeep com dois polícias e um cão polícia, e entraram mato dentro para o local... quando regressaram, terminava a festa.

Já sem o régulo, dirigiram-se para a secretaria da administração, quando se ouviu de repente uma descarga de tiros. Inflectiram e foram a correr para a residência onde tinham ficado a mulher e os filhos. Já à entrada de casa, o Administrador foi atingido com dois tiros no peito e caiu, ensopado em sangue.

Entretanto os guerrilheiros abandonaram o terreno, deixando dois polícias mortos, o cão polícia abatido, o Administrador moribundo, e vários feridos entre sipaios e o pessoal auxiliar.

Foi o início da Luta Armada de Libertação Nacional. A repressão não se fez esperar. Para o Chai veio um novo Administrador e um Adjunto; o adjunto era mau, cruel, começou logo a matar gente com o pretexto de que estava “a limpar terroristas”, enforcava pessoas e deixava-as penduradas nas mangueiras. Às vezes deixava-as espetadas em estacas para todos verem. Num só dia, em plena secretaria da Administração matou com as mãos, cinco pessoas. Um dia, espetou um prego na cabeça de um homem. Martelava e enterrava o prego todo na cabeça, depois mandava a pessoa ir para casa, menos de cinco passos dados, caía e morria logo.

Burahimo, continuou a trabalhar no posto. A verdade é que o ataque conduzido pela Frelimo lhe tinha suscitado diversas dúvidas sobre a legitimidade do poder colonial – dúvidas essas, adensadas face às barbaridades cometidas pelo adjunto do novo administrador que de resto não o poupava às suas fúrias. Um dia ameaçou:

- Corto-te o pescoço, olá se corto! E que lindos petiscos tu vais fazer com a tua própria cabeça!

Burahimo, se bem pensou melhor o fez:

- Senhor Administrador, tenho familiares doentes em Mocímboa da Praia, posso ir visitar?

Dias depois, ingressou nos quadros da Frelimo, e ao mesmo tempo adquiriu um barco e passou a ser pescador no lago do Chai ao mesmo tempo que desenvolvia missões de recrutamento de jovens para a luta armada. Cerca de trinta anos depois, o tempo foi descendo o seu véu de esquecimento, e no 30º aniversário da independência, apagam-se ressentimentos, diluem-se recordações dolorosas de uma repressão temperada em sangue, de uma guerra pontuada de horrores. Não há mais no Planalto dos Macondes o estremecer das explosões. Os xericos voltaram a trilhar por todo o Vale Miteda, onde a Nó Górdio chamejou. Moçambicanos e Portugueses podem, enfim, olhar-se como irmãos.

Localidade bem diferente agora, porque mais desenvolvida, no Chai, João o último Furriel Miliciano Enfermeiro de Antadora, investigava o paradeiro do Martins Lucas, a esposa Muari Chingolo, e a Kokuana – uma velha guerrilheira.

A Maconde perguntou: - Ele é alfaiate? – É! Respondeu surpreso.

Ela disse logo: Moram em Diaca junto à Escola por detrás do Hospital.

João, recordou que em 1974, foi numa coluna militar a partir de Mocímboa da Praia com população, onde também ia aquela família, para Diaca, com a missão de surpresa e posteriormente assumida de se encontrar com guerrilheiros da Frelimo, para entregar Diaca. “A bota dava com a perdigota”

Martins Lucas, era guerrilheiro e tinha sido capturado pela Companhia de Cavalaria rendida pela 2ª Companhia de Caçadores em 1973 que o agredira selvaticamente como prisioneiro e o transformou pelo terror, em carregador e guia. Mais tarde no decurso de uma operação foi suspeito de ter atraído os militares a um campo de minas e a uma emboscada, da qual resultaram diversos mortos; agredido de novo quase até à morte, passou a ficar retido no aquartelamento, não tendo sequer o direito de circular pelo interior de Antadora. A sua actividade passou a ser circunscrita a alfaiate.

Com a chegada da nova companhia, a sua vida alterou-se para melhor, face aos checas - nome dos novatos - que na verdade não o tratavam mal, João, sempre conversava e aprendia o dialecto maconde, na recolha de informações acerca da actividade da Frelimo, dos hábitos e da cultura daquele insigne ramo dos Mwani. Com o rodar do tempo veio a conhecer os Macuas, outro ramo, tão diferentes entre si.

DE MUERA AO LARGO DE OASSE (VII)

Nos princípios de 1973, o Exército Português tinha uma lápide no “Largo do Aço” onde afoitamente se podia ler:

“Armas não deixarão enquanto a vida não deixar”.

Era a Lei da Guerra.

Melhor seria a Supremacia da Paz.

Nos finais de 1973, a Companhia de Cavalaria estacionada em Antadora há mais de 2 anos tinha sido quase dizimada pela fome, sede, doença a que o Estado Português a submeteu e a Frelimo continuamente flagelava à morteirada. Em Outubro desse ano, a 2ª Companhia de Caçadores apresentava-se na sede do Batalhão 4213 em Mocimboa da Praia, para receber algumas viaturas, tendas de campanha, armas, munições, arcas frigoríficas a petróleo, material de cozinha, víveres; saiu a coluna pela madrugada, a caminho de Antadora. Picados cuidadosamente os trilhos que seriam pisados pelas rodas das viaturas na procura de engenhos explosivos, e com a segurança aos flancos garantida pelos GE chefiados pelo Joaquim Sualé, a primeira emboscada e explosão de mina não foi evitada. Pouco depois, eis a visão dantesca de Antadora, sob o ponto de vista humano, sanitário e operacional. Ao fim da tarde, já nas imediações, aqui e ali nas ravinas à beira da estrada, da picada, esfarrapados, desnutridos, olhar baço de indiferença estampada nos rostos, armados de G 3 – aparentemente indiferentes à chegada dos Checas, nome que identificava os novatos, pareciam algo incrédulos.

Mais à frente, com ruído e espalhafato no matraquear do engenho, um velhinho manipulava um simulacro de câmara de televisão assente em tripé, donde saia um símbolo fálico pintado a preceito. Era um impressionante sinal de humor a destoar de tanta miséria e desânimo. Animados e surpresos estavam os novos habitantes de Antadora.

Assim que chegámos, a Companhia rendida logo partiu nas desengonçadas viaturas para aproveitar o facto do caminho estar aberto (depois da nossa passagem os guerrilheiros não tinham tido tempo suficiente para a minagem) e assim regressaram a Mocimboa da Praia, muito mais perto da civilização. Desta maneira, ficámos abandonados à nossa sorte, o pessoal sem experiência via inimigos por todo lado, desatando a disparar por tudo e por nada, correndo mesmo o risco de dispararmos contra nós próprios.

Em 1970, também à chegada ao mesmo local da Companhia de Caçadores de Nampula, idênticas cenas se passaram com os graduados a conjecturarem melhoramentos para os abrigos, enquanto o comandante de companhia estava por demais absorvido com os seus dois guardas pessoais na construção de um abrigo subterrâneo onde defecava nas caixas da ração de combate e urinava nas garrafas vazias de cerveja, que depois eram despejadas no mato.

Esta companhia tinha sempre pessoal na picada para dar cobertura a reabastecimentos e protecção à companhia de engenharia que procurava ligar Macomia ao “Largo do Aço”. Em 1973, a camada betuminosa estava levantada e amontoada no centro da picada, trabalho dos guerrilheiros a criarem pontos de colocação de minas, limitando, circunscrevendo cada vez mais os militares ao interior do arame farpado.

O pessoal da última companhia estacionada em Antadora, recolhia e comia os “frutos podres” duma guerra criada pelo poder político, sem estratégia nem rumo. Sem rumo na gestão de Recursos Humanos de que é paradigma o capitão Proença, comandante, repescado já na vida civil depois de ter cumprido no continente o serviço militar obrigatório, com família constituída e actividade profissional em curso. Que motivação podia ter? Ele e o corpo de oficiais refugiavam-se no elitismo, de algum modo também os furriéis – afinal todos milicianos, enquanto os soldados eram sempre soldados. Todavia, Antadora funcionava numa comunidade de classes sociais apesar da miséria, da fome e da sede ser generalizada. Sem abastecimentos por via terrestre sul em função da destruição da rodovia, a Norte os pontões destruídos eram repostos com troncos de árvores sucessivamente reconstruídos e dinamitados pelo inimigo. O último pontão antes do Largo de Oasse irrecuperável dada a sua extensão depois de sabotado, obrigava ao transbordo de mantimentos e material de guerra mediante uma extensa fila individual em que de mão em mão se transferiam os abastecimentos provenientes da sede do Batalhão. O perigo de ataque durante essa morosa operação era evidente, e apesar da despistagem na detecção de minas rebentaram duas, uma pessoal e outra anticarro – feridos e material alimentar destruído, a inabilidade ou o lucro fácil, fizeram os militares passar sede, uma vez que ficaram privados de cerveja durante meses – era impossível viver o dia a dia sem cerveja porque a água era intragável.

Afinal Antadora era um inútil e penoso posto avançado esquecido pelos generais desde a Operação Nó Gordio. Valia mais um dedo dum simples soldado do que o corpo todo da aristocracia militar!

Haviam muitos bidons de alcatrão, que se usavam na cobertura dos abrigos. O Pinto, agora carteiro no Porto, certo dia, inadvertidamente deixou que as chamas deflagrassem no interior do depósito. Aconteceu uma explosão seguida de projecção da tampa do bidão, que lhe fracturou o crânio quando espalhava o alcatrão entretanto derretido. Entrou em coma profundo. Depois de limpo o alcatrão semi-colado à sua pele e nalguns sítios com graves queimaduras, algumas evitadas face à rápida e cuidada limpeza. Entubado e medicado, ficou a aguardar a evacuação; os helis não operavam a essa hora, e o táxi aéreo já de noite, não localizava a pista de aterragem. Como sempre acontece, alguém teve uma ideia providencial:

- Enchamos garrafas de cerveja vazias com azeite, e com as torcidas de limpeza a arder sinalizamos a pista.

Assim se fez. O Pinto foi evacuado e vive ainda! Em Maio de 2005, o último furriel enfermeiro de Antadora pisou de novo aquele rincão, propriedade da família Muera. A família Muera, O régulo Oasse e o seu povo são aqui um símbolo, porque hoje ali vivem e estudam Moçambicanos e Moçambicanas como que a significar perante o mundo, que não é a interioridade as dificuldades e o isolamento que impedirão Moçambique de alcançar a modernidade e desenvolvimento.

- Que melhor tributo se poderia prestar a Moçambicanos e Portugueses que viveram, sofreram e morreram naqueles domínios?

O encontro do ex-combatente com o antigo guerrilheiro da Frelimo, actual chefe da aldeia Quem diria?

- Antadora, harmoniosa, hospitaleira e bonita aldeia !

A recordação de um passado de confronto militar, cimentou o respeito e consideração natural que merecem os seres humanos que venceram a guerra e conquistaram a paz.

Eufórico, João reconheceu o depósito da água, abandonado e ferrugento; as velhas mangueiras que tanta fome mataram aos militares; o resto da porta de armas era um ferro espetado no chão, um pneu velho, uma pedra que era parte do emblema da companhia que

esteve pela primeira vez acantonada no local, mais à frente os restos do que servira de alojamento ao comandante de companhia mas também:

- Uma escola em pleno funcionamento – Machambas a perder de vista, – Palmeiras ecologicamente tratadas, – Casas de família, – Habitantes de todas as idades

- E... a estrutura do posto de socorros "...o meu posto de socorros" onde há 30 anos exercia a actividade.

Ao entrar na estrutura que permaneceu trinta anos, ficou isolado do mundo. A esta cena, assistiam os restantes ex-combatentes. Soube depois, que a Manuela em lágrimas perante a transcendência do momento, descrevia junto dos habitantes, a postura do João durante a guerra. O Chefe da aldeia informou: - Vamos recuperar o Posto de Socorros.

Como era o Posto de Socorros de Antadora?

Além do Cabo Cardoso, que acumulava as funções de Enfermeiro com as de técnico de manutenção do velho gerador, que dava luz para as secções e abrigos do acampamento, o Paulo de Fornos de Algodres onde era forneiro e já Bombeiro Voluntário na corporação da terra, o Trigo do Porto já funcionário judicial, e o Moutinho como o Cardoso técnico de telecomunicações, e o coordenador da saúde local, vieram encontrar uma barraca de bambu rodeada de chapas espalmadas de bidons, e tecto de chapa zincada ondulada, uma bancada de madeira cheia de medicamentos e lixo misturado com utensílios, contrastante com o tacho onde "cuidadamente" se fervia água para as seringas e agulhas. As prateleiras estavam pejudadas de medicamentos para tudo, das mais variadas marcas, sem qualquer ordem perceptível. Uma suja e velha maca de madeira no centro das instalações de piso térreo, completavam a cena.

Não havia enfermeiro de dia, era tudo ao acaso, mas tudo funcionava.

Em frente, a um metro, o abrigo dos enfermeiros era um buraco escavado no chão. Ao lado duma extensa e frondosa mangueira, um depósito de cimento era o fontanário de abastecimento de água a toda a companhia, abastecido por dois depósitos de chapa que tinham servido a gasóleo, diariamente cheios pelo grupo que ia buscar água ao rio Muera. Entre estes equipamentos um filtro com sete placas filtrantes melhoravam a água a qual ao fim de meia hora estava recheada com "martelos".

Num acordo entre furriéis, o de saúde e o mecânico Ferreira – este cedeu um espaço onde o Enfermeiro montou uma farmácia e consultório. Passou a actuar impondo aos seus colaboradores uma disciplina espartana, nos enfermeiros de dia e na prestação de cuidados de saúde e na distribuição equitativa de medicamentos e de vitaminas, especialmente a apreciada “Gruvit C” de sabor liofilizado a laranja,

BOM POVO DE MUEDA (VIII)

Um outro acontecimento, também ligado às cooperativas, foi um aumento da agitação espontânea, que culminou numa grande manifestação em Mueda em 1960. Esta manifestação, embora passasse despercebida no resto do Mundo, actuou como catalisador sobre a região. Mais de 500 pessoas foram abatidas pelos Portugueses, e, muitos daqueles que até então não tinham encarado bem o uso da violência, denunciavam agora a resistência pacífica como fútil. A experiência de Teresinha Mb lale, agora militante da FRELIMO, mostra porquê:

"Eu vi como os colonialistas massacraram o povo em Mueda. Foi quando eu perdi o meu tio. A nossa gente estava desarmada quando eles começaram a disparar."

Ela foi uma de entre os milhares que decidiram nunca mais estarem desarmados, em frente da violência portuguesa.

Alberto Joaquim Chipande, então com a idade de 22 anos, e agora um dos chefes em Cabo Delgado, dá-nos um relato mais completo:

"Certos chefes trabalhavam no meio de nós. Alguns deles foram levados pelos Portugueses -Tiago Muller, Faustino Vanomba, Kibiriti Diwane- – no massacre de Mueda em 16 de Junho de 1960. Como é que aquilo aconteceu? Bem, alguns dos homens puseram-se em contacto com a autoridade e pediram mais liberdade e mais salário... Depois, estando o povo a dar apoio a estes chefes, os Portugueses mandaram polícia pelas aldeias, convidando as populações para uma reunião em Mueda.

Vários milhares vieram ouvir os Portugueses. Como depois se verificou, o administrador tinha pedido ao governador da província de Cabo Delgado que viesse de Porto Amélia e trouxesse uma companhia do exército. Mas estas tropas esconderam-se ao chegarem a Mueda. Ao princípio não as vimos. Então o governador convidou os nossos chefes a entrarem no edifício da Administração. Eu estava à espera do lado de fora. Ali estiveram durante quatro horas. Quando saíram para a varanda, o governador perguntou à multidão quem queria falar. Muitos queriam falar, e o governador disse-lhes que se colocassem à parte.

Depois, sem mais uma palavra, mandou a polícia amarrar as mãos daqueles que estavam à parte, e a polícia começou a bater-lhes. Eu estava ao pé. Vi tudo. Quando o povo viu o que estava a acontecer, começou a manifestar-se contra os portugueses, e os portugueses limitaram-se a mandar avançar os camiões da polícia para lá meter os presos.

Contra isto continuaram as manifestações. Nesse momento a tropa ainda estava escondida e o povo avançou para a polícia, tentando impedir que os presos fossem levados dali. Então o governador chamou a tropa, e, quando os soldados apareceram, mandou-os abrir fogo. Mataram à volta de 600 pessoas. Agora, os Portugueses dizem que castigaram este governador, mas claro que se limitaram a mudá-lo de lugar. Eu próprio escapei porque estava perto dum cemitério onde me consegui esconder, e depois fugi,"

Depois deste massacre, nunca mais o Norte podia voltar à normalidade. Em toda a região tinha-se levantado o mais amargo ódio contra os portugueses e era evidente, uma vez por todas, que as resistências pacíficas eram fúteis..."

João, foi evacuado depois de organizar o serviço, a fim de desbloquear os maxilares na Enfermaria Regional de Mueda; assim que chegou, perante a vista aérea pensou logo no contraste que devia existir com os meses de fome e sede. Foi logo em grande velocidade para o Bar dos sargentos, para questionar o primeiro camarada que lhe apareceu:

- Onde é que há aqui um restaurante?

Céptico, o interlocutor chamou a atenção dos restantes camaradas repetiu-lhes a pergunta, como que sabendo a algazarra que se iria seguir. Assobio, gritos e gargalhadas foi a resposta. Mas perante o olhar gélido e cortante, cedo terminou a chacota, quando alguém lhe perguntou:

- Donde vens?

- Cheguei agora de Antadora!

Seguiu-se um silêncio ensurdecedor, só quebrado pela rápida saída do tal camarada, o qual minutos depois regressaria com um definitivo convite:

- Anda comer.

Tinha mandado fazer umas febras trinchadas, tal atitude positiva, devia-se ao facto de Antadora ser um posto avançado, conhecido como o pior buraco da guerra, em todas as vertentes.

No dia seguinte, a consulta externa na Enfermaria Regional deu-se um reencontro de surpresa: O Médico que tinha feito o bloqueio do maxilar em Lisboa era agora médico em Mueda que de novo estava em contacto mas para desmontar o bloqueio.

João foi evacuado, mas agora de Mueda para o Hospital Militar de Nampula.

O transporte de avião era um Nordatlas, cargueiro que transportava todo o tipo de carga, alimentos, animais, militares mortos, militares feridos e alguns, poucos - Ainda aparentemente intactos. Para quem nunca viajou num avião destes, fica a saber que o vento entrava pelas frestas cuja carlinga de chapa, sem revestimento nem caixa-de-ar abanava em tudo quanto era sítio. O ruído do motor e do vento, em conjunto com os gemidos dos feridos, faziam uma sinfonia macabra ao passar com o olhar pelos esquifes dos camaradas mortos em combate.

Entretanto chegados a Nampula, e apresentado nos adidos, começavam os serviços de sargentos da Guarda. A alimentação e o alojamento eram muito bons, a cidade espectacular. Havia uma boa Marisqueira, bailes aos sábados, salas de cinema e uma cidade com pessoas encantadoras - principalmente no aldeamento na Metacolia.

Entretanto, chegou o dia e a hora da consulta: Na sala de espera, estava o João – e um prisioneiro capturado na mata - guerrilheiro da Frelimo algemado. Não lhe dirigi a palavra, mas considerei-o um camarada de armas; lembrei-me das dificuldades da vida em Antadora e estava convicto que a vida dos guerrilheiros era muito mais difícil e complicada. Entretanto passa um lustroso soldado enfermeiro, que olha para o preso algemado e que de repente lhe desfere uma violenta palmada na testa. Fiquei sem palavras! Passados cinco minutos, passa de novo e quando levantava a mão, para desferir nova palmada, olha para o Furriel João. Fica imobilizado perante o olhar impossível de descrever do graduado, que secamente lhe diz:

- Repita a agressão de novo, e hoje mesmo hei-de arranjar maneira de você ir para Cabo Delgado! Para logo a seguir embalar sem controle: - seu filho da puta de merda que nunca saiu do ar condicionado e não tem vergonha de agredir um homem algemado!

Durante intermináveis milésimos de segundo, ficámos os três de pé.

Balbuciu:

-desculpe.

O preso parece que cresceu dois palmos com o aumento de brilho nos olhos. Brilho de quem tendo compartilhado a vida de guerra no mato, percebeu que um preso de guerra tem direito à dignidade.

O soldado enfermeiro nunca mais apareceu

O olhar do furriel nunca mais se cruzou com o do guerrilheiro.

Entretanto João é chamado para a consulta. Um coronel médico desbloqueou-lhe os maxilares com um alicate normalmente usado em fios de electricidade.

Regressemos a Mueda.

Mueda hoje, é um movimentado centro comercial cruzamento das mais variadas gentes, com duas pensões, suficientemente rudimentares mas limpas – o Takatuka e a Sanzala, que nem a falta de água canalizada (a água tirada a balde do poço faz parte do programa) e a luz que se desliga às 22 horas, impedem o privilégio de passar uns dias naquela terra... o bom restaurante do senhor Almeida e o frango à cafreal ou o ensopado de cabrito da D. Ernestina, os pratos e panelas arduamente esfregados no chão, com terra pelos serventes que não escondem o método.

O Bar esplanada do Simão bem frequentado pelas meninas que – simpáticas e bem agradáveis, são felizmente o paradigma da Mulher Moçambicana, em contraponto com o que eram por exemplo a "Fátima cão" já falecida em Nampula, ou a "Teresa Maconde" ainda viva em Pemba, elas também vítimas da tal guerra colonial que bem poderia ter sido evitada. E também por isso, mas pela muita afectividade então trocada, credoras de respeito, consideração e muita... muita saudade! Mas será que Fátima cão morreu?

Onze de Novembro de 1973, estomacalmente satisfeito, João surpreende-se com os avisos de que é perigoso andar sozinho no aldeamento, principalmente depois de anoitecer... tudo bem, era ainda muito cedo e o aldeamento de Mueda aí estava, convidativo para o espírito aventureiro. Ao entrar na Cervejaria do Serra, dono da Escola de Condução, eis uma maconde muito alta, mulher já madura e elegante, de dentes em bico e cara tatuada, lábios sensuais, juntos passaram a liderar o consumo de cerveja Laurentina fresca. Pródiga em risos estridentes e muita paródia, a falar uma mistura de dialecto maconde, e surpreendentemente inglês, com mais naturalidade português...

...Lauré, Lauré, homem que não gosta, homem que não bebe, é homem que não gasta Massa!

Repetimos e dançámos e bebemos até à exaustão, de vez em quando os lábios tocavam-se... sem querer.

Começa a anoitecer, fomos para o interior do aldeamento –. De repente, Furriel, Furriel, era o Torres Novas, mais tarde motorista dos Bombeiros, a dizer-me: Não vá com ela, não vá

com a Fátima cão, ela está estragada! Quero lá saber, – respondi.

Entrámos numa palhota pequena iluminada com lamparinas de azeite, e ficámos lado a lado de pé, à beira duma mesa redonda onde ficámos cerca de meia hora, a beber vinho tinto! Imagine-se vinho tinto no aldeamento de Mueda!

Lembrei-me de que a essa hora se bebia água-pé a rodos na Feira de S. Martinho da Golegã. Em Moçambique os muçulmanos festejavam o fim do período de jejum e abstinência.

Sáímos agarrado um ao outro para nos suportarmos de pé, para logo a seguir entrarmos numa sala de cinema, onde já corria uma fita inesquecível: "Uma leoa chamada Elsa". Arranjaram-nos um lugar, onde passamos cerca duma hora.

De saída, rapidamente chegámos a uma palhota de um corredor e divisão única, de terra pouco batida, sempre a levantar poeira, onde um catre que servia de cama com uma manta suja, e uns panos ressequidos espalhados que se viam quando a Fátima acendia cigarro atrás de cigarro. Despidos, ouço-a resmungar: Não sinto nada. Ela quer sentir, será possível? – A verdade é que ela não está a sentir nada porque não cresci! Mas que oportunidade! Nem a porta, que era um bidão espalmado trancado pelo telhado de colmo que se levantava para a fechar, nem as frestas da parede espreitadas múltiplas vezes durante a noite, evitaram que ficássemos muito, muito amigos.

Aproveitámos a oportunidade sem nunca nos deixarmos adormecer.

Repito: Será que Fátima cão morreu?

Sempre pensei que cão era alcunha.

21 de Setembro, data talismã há já tantos anos por razões que marcam uma ou duas vidas, Ano de 2 005, pela Internet, iniciava-se um bate-papo entre dois "nicks" no Clube Amizade de Moçambique.

Ela de Maputo, ele de Torres Novas... de novo Moçambique e Portugal "conectados". Ela de 43, ele de 54 de idade. Conversa puxa conversa...

... Estou em Maputo, mas nasci em Mueda.

- Minha querida! Escreveu instintivamente João.

- O quê?

- Não liguês, eu já explico. O meu nome é João.

- o meu é Ana.

conheceste, mas que a Fátima era da nossa família era! A minha irmã é freira.

Regressando a 1974, em Mueda:

No outro dia de manhã, ao entrar no quartel, era já procurado, pois o avião que me levaria a Porto Amélia, transportava em trânsito o Chefe de Estado-maior do Sector, então Coronel Pires Veloso, mais tarde denominado vice-rei do Norte.

A Sanzala, pensão onde ficámos em Maio de 2 005 era defronte da cervejaria agora encerrada do Serra, que tão gratas recordações deixaram. A Manuela e eu, entregámos ao Pároco de Mueda, Sr. Faustino Jonas Libombo, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, peças de roupa e material escolar.

Quis o destino, que um dos companheiros não acautelasse a carteira na pensão, e o Agostinho lhe surripiasse uns Euros. Depois de algumas peripécias, o gerente da Sanzala não brinca em serviço, chama a polícia e o Agostinho vai detido. O grupo quer dar nova oportunidade ao Agostinho. Então, todos juntos depois de jantar cerca das 22 horas, fomos desistir da queixa apresentada juntamente com o lesado, e solicitar a libertação. O posto da polícia funciona nas instalações recuperadas, do que foi o tal bar de sargentos, e perante a escuridão deu para ouvir o roçar das correntes que o imobilizavam. Ainda hoje, em Mueda não se brinca.

De manhã o Ilídio seguiu de chapa para Palma.

O Machado e o Rodrigues, foram na 4X4 do Sr Almeida, a Nancatari e a Nairoto.

O imenso Vale Miteda, as muralhas de pedra, o desfiladeiro que se estendia quase aos nossos pés, como que por magia, tão perto que quase nos parecia poder tocar; a Curva da Morte, ondulante, a rocha vermelha e a estepe verde, descendo sempre lentamente. Lá ao longe, na região mais desolada surgia a terra plana cor de púrpura, coroada por montanhas elevadas. O mítico Planalto pairava já muito acima, e o seu extremo leste isolava-se numa grandiosidade imensa de ravinas brilhantes sob o sol da manhã. A visita aos quartéis em ruínas mais que um rito, é história que surpreendentemente as novas gerações moçambicanas querem conhecer com naturalidade – outrora palcos de guerra, prevalecem hoje ervas e plantas estranhas, brancas e amarelas ao lado do tomilho e da salva enquanto mais ao longe, a folha dos algodoeiros começa a tingir-se de ferrugem. Era o dealbar do Inverno tropical cálido com o cacimbo do amanhecer, rico e cheio com a luz de âmbar das tardes tranquilas,

enevado e purpúreo ao pôr do sol. Os ex-combatentes bordejavam Muidumbe, pois o objectivo Nangololo e a Missão católica mais significativa de Cabo Delgado cuja bonita e bem conservada igreja data de 1925. Ia chegando a hora de rumar a Mocimboa da Praia; antes porém, deixámos no monumento de homenagem às vítimas do massacre de Mueda, um ramo de flores do mato, porque o mato no Planalto, é mais do que uma imensa estepe verde. Igual atitude teve no cemitério local onde jazem militares portugueses que queremos trasladados para Portugal. Também o Ex-Presidente da República de Portugal Marechal Craveiro Lopes, combatente na I Grande Guerra em Quionga e nas margens do Rovuma, onde morreram camaradas seus, quis trasladar os corpos para o Continente, mas Salazar o Presidente do Conselho apenas disponibilizou verbas para a Transladação até à Capital de Distrito em Mocimboa da Praia.

Ali se deslocou o Supremo Magistrado da Nação para presidir ao acto.

O ÍNDICO (IX)

Regressemos a 2 005. Estamos rumando a Mocímboa da Praia.

Sagal, em vias de reactivar a fábrica de algodão -Os responsáveis locais tiveram o cuidado de averiguar junto dos antigos combatentes visitantes informações acerca de material de guerra abandonado, um perigo para quem tem que fazer incursões nos terrenos adjacentes.

Em Diaca, o centro de interesse dos ex-combatentes para onde se deslocou a maioria, foram as antigas instalações militares; João, vai no sentido oposto para o aldeamento.

A Manuela segue-o. Ele preferia ir sozinho por motivos de segurança. Ela não desarmou. Um residente é abordado:

- Onde é o Hospital e a Escola?

- É ali, eu acompanho.

Seguimos os três enquanto João explicava que estava à procura dum alfaiate maconde, e da família.

- Conheço, sim, mas já não o vejo há alguns meses.

Aproximámo-nos dum grupo de residentes; chamam o chefe de aldeia.

Depois dos cumprimentos, João questionou:

- Estou à procura do Martinho, maconde, alfaiate, da esposa, Muari Shingolo e da Kokuana, que estiveram aprisionados em Antadora em 1974. Naquele tempo, eu era o Furriel Enfermeiro de Antadora, e transportei-os para aqui, quando vim testemunhar a entrega de Diaca à Frelimo!

A fisionomia do chefe da aldeia alterou-se, foi claro, directo e definitivo:

- Esse senhor não é Martinho, é Martins Lucas e está acantonado em Nampula. Era guerrilheiro, está velho, doente, não pode trabalhar;

- A esposa, Muari, faleceu de doença natural;

- A Kokuana, era guerrilheira faleceu de doença natural;

- Tem aqui uma filha a residir na casa deles;

Respondi de imediato:

- Quero vê-la.

Retorquiu:

- Está a trabalhar na Machamba, longe!

Agradei. Despedimo-nos. No regresso um tiro soou; o nosso guia, disse:

- Andam a perseguir um ladrão. Eu sei, porque sou filho do chefe da polícia e estou cá a estudar.

O Grupo já nos aguardava para retomarmos o percurso. Tínhamos de ir a Palma .

Passámos o Largo do Oasse, tudo densamente povoado! Sucedem-se, Manilha (antiga ponte), Mangoma, o Aeroporto, eis-nos em Mocímboa da Praia. As instalações militares desactivadas impressionam. A vivenda onde residia o João, tinha sido reparada mas via-se o buraco feito por uma granada de morteiro de rampa de 122 que vitimou o alferes Meira que ali residia com mulher e filha escassos anos antes agora essa vivenda não existe, foi demolida.

Decorria a campanha eleitoral para as Eleições intercalares Autárquicas e a banja tinha milhares de manifestantes, tudo muito agitado. Em dialecto macua, Banja é Comício. A visita à cidade impressionou negativamente... pela agitação política? Pela indiferença de mulatos e mulatas? É que naquela zona são os filhos e as filhas dos ex-combatentes.

O marisco? Vai todo para a Galiza em Espanha? No tempo colonial, o Araújo também o exportava mas Moçambique estava primeiro!

Onde está a Mina? Onde está a Luísa? Delas, nem sinais.

João ao longo da viagem dos antigos combatentes em direcção a Mocímboa da Praia recordava que em Abril de 1974 viera à Metrópole de férias. Tal como agora em Maio, começava a época das chuvas e o avião que o deveria levar a Porto Amélia, e posteriormente à Beira para embarcar para Lisboa, não podia pousar em Antadora pois a pista estava inundada. As férias pareciam comprometidas, mas a sorte contemplou-o bem como ao furriel Rovis, que tinha férias na mesma altura. O Rovis, protagonizou um dos momentos mais desagradáveis de Antadora... era Furriel atirador, e certo dia coordenando os soldados que capinavam a pista, agrediu um deles – ninguém lhe perdoou a atitude, até porque se suspeitava que queria provar doença nervosa para se safar ao mato. Mas qual foi a contemplação da sorte? A chegada dos helicópteros da farinha. À pressa, arrumámos as malas, e aproveitámos a boleia até Mueda. Ali, de novo a sorte do nosso lado... a Krueger, era a empresa que eletrificava a localidade, tinha lá o Director Carvalho o qual se disponibilizou

para nos levar até Porto Amélia, e no dia seguinte para Nampula.

Aí, contactámos a Agência de viagens do Sr Magalhães cujo agente em Mocímboa da Praia era o Sr. Montefalk que nos tinha dado as credenciais para os desejados bilhetes até Lisboa.

- Sr. Magalhães: Temos boleia para Nampula e queremos apanhar lá o avião amanhã que deveríamos tomar aqui em Porto Amélia, é possível?

- Claro, vou comunicar no aeroporto. Mas por favor confirmem logo que chegarem a Nampula no vosso transporte privado.

Assim se fez. Na agência militar transferimos o dinheiro sem valor, do Estado Moçambicano para Escudos portugueses. Entretanto nessa altura as compras feitas na feira de Arte maconde, escultura em madeira de pau -preto levaram-nos os últimos escudos. No outro dia, eis-nos no Aeroporto para embarcar a fim de chegarmos à Beira e aguardar mais uma noite pela ligação com a TAP e rumar a Lisboa.

Ao pretender fazer o check-in:

- Não podem embarcar, o vosso lugar foi ocupado em Porto Amélia, porque era lá que deviam ter embarcado e não aqui.

– Impossível!

Os protestos a obrigarem a intervenção policial nada resolveram.

De reclamação em reclamação o avião descolou e não havia outro que chegasse a horas da ligação à TAP. Deambulámos pelo aeroporto errantes sem saber o que fazer. Acabámos por conhecer um Inspector da PIDE que tinha perdido a ligação e estava nas mesmas circunstâncias que nós. Ao lhe contarmos a história, foi rápido na reacção. – Podemos alugar um táxi aéreo. Fomos ver os preços, e de novo a solução das nossas férias em Portugal estava à vista.

Ele custeou as despesas, e nós pagámos-lhe em Portugal a dívida, foi a única solução.

Surpreendidos no Continente pelo 25 de Abril, foi presumido que já não regressaríamos a Moçambique – puro engano, a guerra os mortos e feridos continuavam. Regressámos a Cabo Delgado em Maio de 1974 – lembro-me que foi nosso companheiro de viagem até Luanda onde escalámos, uma personalidade distinta: O actor Sr. Curado Ribeiro, que se despediu antes de abandonar a aerogare angolana.

Em Mocimboa da Praia recebemos instruções do Comandante de Batalhão para nos apresentarmos na Companhia de Comando e Serviços, porquanto Antadora estava a ser desmantelada.

Assim foi – passadas algumas semanas chegaram os camaradas da nossa Companhia que ficaram a desmantelar Antadora iniciando-se uma fase completamente diferente do quotidiano anterior. Acabou-se a fome, a sede, mas a guerra continuava - e de que maneira! As operações militares passaram a ser defensivas e de vigilância, havia já contactos com a Frelimo.

Mas o dia a dia era apaixonante.

João, ia à cidade mas diariamente – obrigava-se a fazer incursões pelo aldeamento.

O Furriel de Armas Pesadas com quem jantava na Marisqueira do China frequentemente, embora com relutância sempre o acompanhava pelo aldeamento, num trajecto bem mais difícil do que pela moderna Avenida Craveiro Lopes.

Entretanto as prisioneiras Muari e Kokuana foram entregues à Ex-PIDE/DGS já quase desactivada. João não hesitou em descobri-las no isolado e algo hostil aldeamento Makonde. Foi uma festa, o reencontro em liberdade.

A prova de Kangala uma aguardente de cana, celebrou ao acto. Longa conversa nessa tarde, onde foi participado o casamento de Muari com o muito mais velho alfaiate Makonde Martins Lucas, a quem chamávamos Martinho.

O Bartolomeu, era empregado doméstico em Antadora e carregador nas operações durante muitos anos. É hoje um senhor em Mocimboa da Praia. Estava em Pemba a tratar de negócios e da sua reforma. Naquela altura ainda em guerra ele já antevia a independência e desabafava entre nós acerca do futuro dele. Os militares esclareciam sem certezas:

- És Moçambicano e Português (qual o bom senso dos políticos?) simultaneamente, não há problema.

Entretanto aos domingos, os rituais de iniciação, os batuques, os casamentos coloridos, eram um êxtase para o Furriel Machambeiro que era a designação do João.

Numa tarde João e a Mina conheceram-se.

Daí à celebração dum contrato pessoal foi um passo, João passou a viver permanentemente na palhota. De manhã, lá ia para o quartel trabalhar. Depois de jantar,

regressava ao aldeamento de novo. A Mina tinha um filho de tenra idade, filho do Justo – O Justino que era o interlocutor de João em Montepuez, o Justino Falaquino. Tinha também em 1974 uma tia na puberdade lá em casa, era a doce Naone – a quem João pela primeira e única vez na sua vida, viu aplicar o Mussiro com a percepção do que eram os ritos da iniciação vistos bem por dentro.

Antes do contrato, numa noite tipicamente africana com a Luísa Saíde, cimentaram amizade colorida, uma única vez de que era prova os dois dedos de conversa aos domingos de manhã, repartindo a batata-doce que ela sempre acabava de cozinhar a essa hora quando passava junto à palhota dela, curto convívio que nem um nem ela dispensavam.

Em Maio de 2 005, sem restaurantes em Mocímboa da Praia, bolachas e água foram pequeno-almoço e almoço enquanto rumávamos ao Norte, à praia de Palma quase na Tanzânia. Fomos buscar o Ilídio que ali tinha pernoitado na residência do Administrador. Aumentava o desejo de chegar rapidamente à Pérola do Índico. A magnífica praia de Palma, no topo Norte de Moçambique quase na Fronteira com a Tanzânia. É de uma beleza indescritível – e a viagem rodeada de perigos com a picada enlameada cheia de curvas e buracos, permitiu usufruir duma autêntica prova de todo o terreno, ou safari ao natural, cujo desempenho na condução confirmou os créditos do Juma. As localidades que ladeavam a picada, e o labor agrícola das populações, também os melhoramentos embora rudimentares na rodovia. Ficam registados os sugestivos nomes dos aldeamentos: Marion, Quelimane, Maputo, Omuti.

Durante dias, dormimos nos aldeamentos de Montepuez e Mueda, e foi magnífico, mas a expectativa do conforto do Hotel e do restaurante em Pemba faziam com o Oceano à vista, aumentar a expectativa. De novo em Mocímboa da Praia, e de novo a despedida daquele Paraíso. Não se estranhou o carácter inóspito da mulatagem, porventura dos nossos filhos desconhecidos. Iniciámos o regresso a Pemba.

Em Antadora, ficaram os donativos que estavam destinados ao Bartolomeu, à Luísa e à Mina: Um saco de viagem cheio de livros, cadernos, material escolar, bolachas, medicamentos, artigos de higiene, etc. E uma mensagem escrita do último furriel miliciano enfermeiro.

Chegados ao Complexo Nautilus da Praia de Wimbe em Pemba, o banho de mar já de noite, e depois o conforto do duche e do ar condicionado, não conseguiram evitar a saudade

que já se sentia do "Planalto". Mas a verdade é que boas refeições e boa praia reconstituíram energias, porque a viagem ia continuar. Agora em zonas onde não tinha havido guerra.

Visita a Pemba em pormenor, o Porto, o Paquitequete – comprar meticais no mercado negro, em que trezentos euros rendiam oito milhões de meticais, e compra de artesanato!

Manhã cedo, rumámos à Ilha de Moçambique.

QUERO IR PARA A ILHA (x)

O Rio Lúrio separa Cabo Delgado da província de Nampula. Antes de atravessar a ponte do tempo colonial que ainda ostenta os símbolos portugueses, estivemos à conversa com camponesas que regressavam com produtos agrícolas oriundos da machamba.

Namapa, Namialo e Nacaroa, foram visitadas em pormenor. Enquanto o grupo se dispersava, detive-me no Hospital de Namapa. Como se fizesse parte da gente sentada à espera de nada, sem médico, sem medicamentos, sem tratamento; fiquei muito triste, tanto como se fosse o responsável das carências que pressenti.

"O cabrito come onde está preso", ilustra bem a hipótese de roubo de medicamentos na farmácia do hospital para posterior venda a troco de notas ou favores sexuais. Espero bem que a Educação e Formação das novas gerações moçambicanas ajude a resolver o problema da corrupção generalizada.

O Alves tinha ficado em Moçambique depois da disponibilidade. Foi nesta cidade que conheceu a esposa, onde os pais tinham uma propriedade agrícola e pecuária; além de ser a localidade onde a senhora passou a infância e adolescência, ali casaram e residiram, agora visitantes, calcorream com avidez a cidade, buscando as ligações perdidas há décadas.

A distância até à Ilha encurtava-se. A ponte de 3,5 quilómetros que liga a ilha ao continente estava a ser reparada e interdita à passagem de viaturas pesadas.

Fizemos o transbordo das malas encaixotámo-nos nas desengonçadas viaturas que nos levaram para as quatro estrelas do hotel OMUIPITHI, à beira do Índico bem junto à Fortaleza de S. Sebastião.

Mussa Ben Mbiki, um sheik árabe ali encontrado por Vasco da Gama, acabaria por ver o seu nome atribuído à ilha dominada pelo Vice-Rei da Índia; ano de 1 507 em que os portugueses se fixaram na Ilha de Moçambique que viria a dar o nome a toda uma província ultramarina, da qual foi capital de Moçambique até 1 898.

Foi fácil constatar que a influência islâmica ficou bem enraizada na vida quotidiana moçambicana, com especial incidência nos usos e costumes da ilha, seja no chamamento ao fim da tarde para as mesquitas, seja no dia a dia em terra, seja no velame triangular dos barcos que sulcam as suas águas.

No antigo "musseque" de capacidade normal para quatro mil pessoas, vivem hoje dez

mil pessoas nas condições que se adivinham.

Influência islâmica? Sem dúvida. Mas chegados ao hotel, cedo percebemos que o padre Lopes, pároco da Ilha de Moçambique há cerca de quarenta anos, beirão natural de Monsanto, do alto de mais de oito décadas de vida, metro e cinquenta de altura e cerca de cinquenta quilos de peso, é na verdade a personalidade mais prestigiada da Ilha.

Despojado de interesses materiais próprios a favor daquelas dez mil almas sem qualquer distinção de raça ou religião, deu-nos as boas vindas, à boa maneira do real cidadão do Mundo. Como bom conversador que é, não deixa os seus créditos por mãos alheias, também ele ávido por notícias de Portugal e da proximidade dos portugueses. Mais tarde, franqueou-nos a capela de Nossa Senhora do Baluarte e a Igreja da Senhora da Saúde, sempre rodeados de dezenas de jovens que nos recomendaram para só entrar na presença do Padre Lopes. Entretanto pediam que lhes comprássemos curiosas «missangas do mar». Reza a lenda que os portugueses afundaram um barco árabe carregado de missangas que passava ao largo da Fortaleza. Missangas essas que as ondas do mar trazem incessantemente para a praia e que os miúdos apanham na maré baixa para fazer colares e pulseiras.

Os canhões das muralhas da Fortaleza que jaziam caídos e abandonados junto com os carris e os vagonetes do transporte das munições, por força do ciclone que varreu a Ilha, estão hoje melhor recuperados. A decadência começou em 1970 com a perda da sua importância estratégica e comercial, em função da ausência de um cais de desembarque, "handicap" que se mantém e impede de acolher os inúmeros cruzeiros turísticos que molham âncora naquelas paragens, mas se vêem obrigados a seguir viagem para outro porto de abrigo. Foi o que fizemos dois dias depois rumando a Nacala, cujo Porto foi aberto naquele ano, e que hoje é um importante centro industrial e Portuário.

Chegados à Ilha, ficou desvendado o mistério do "jeito" encontrado na Pensão Zavala de Montepuez, quando o Hotel colocou à nossa disposição uma carteira devidamente fechada, com a imagem dum feliz e risonho casal a decorar a embalagem!

No apogeu da actividade comercial e portuária da ilha, havia trabalho para todos. Hoje, com pouco comércio, sem indústrias ou machambas para cultivar, os naturais da ilha viram-se para o mar, enquanto recebem os turistas e sonham com os que hão-de vir;

Os cozinheiros do bom restaurante do Hotel, o Âncora d'Ouro, o Bar Escondidinho,

capricham com as garoupas, Sargos, Peixe espada, polvos e outros peixes e crustáceos, que também são vendidos para o Continente ou constituem a base da alimentação dos pescadores e famílias.

NAMPULA BERÇO DE MOÇAMBIQUE (XI)

O uso do mussiro no rosto das mulheres, é único ao nível do país inteiro, mas as migrações disseminaram o uso por todo o lado principalmente a Norte. Conhecer a província de Nampula é conhecer o berço da cultura macua, daí o encantamento que a Ilha produz em quem a visita. O Turismo, tem aqui diversas alternativas: Alpinismo, a tradicional feira dominical de artesanato, daí ser uma região muito procurada pelos entusiastas da cultura, e investigação: aventura na cordilheira Namuli, a cinegética, o campismo e o desporto náutico e até as águas termais do Mussuril, as reservas florestais de Mecuburi, e de Matibane, os planaltos. As praias Nova em Angoche, Quinga em Mogincul, Fernão Veloso em Nacala, e as Chocas a minutos da Ilha, mais no Continente.

O grupo de Ex-combatentes, ficou alojado no Hotel Lúrio. Decorado com quadros e gravuras afectas à temática da Luta Armada de Libertação Nacional. Seguramente que quem ali trabalha eram nossos e nossas opositoras no passado. Não é um hotel de luxo, até porque durante a guerra colonial era onde estavam alojados os elementos da Força Aérea. O equipamento trinta anos depois ainda é o mesmo, mas o ambiente austero que ali se vive, é um atractivo por ser complementado com a afectividade dos antigos combatentes moçambicanos e moçambicanas e descendentes. No exterior, uma pequena multidão de jovens instalou um serviço de piquete para venda de artesanato, apesar de ali bem perto estar o Museu Etnográfico cujo atractivo principal permanente são os trabalhos de escultura, que ao vivo são esculpidos pelos artesãos.

Uma vez que as refeições eram tomadas no Restaurante do Sporting, ao lado do Museu, a nostalgia do Planalto dos Macondes cedo nos levou ao contacto com os escultores.

- Está aqui alguém de Mocimboa da Praia?

- Está ali o Bartolomeu!

Alguém respondeu. A Manuela e João surpreendidos, disseram ao mesmo tempo:

-Bartolomeu?

Aproximámo-nos. Ele esculpia em acabamento uma magnífica peça.

- Conhece o Bartolomeu que esteve há trinta anos a trabalhar em Antadora?

- É o meu pai.

- O quê? Retorquimos.

Foi como se estivéssemos na presença do nosso próprio filho, orgulhosos com a postura deste jovem artista maconde, fez um relato detalhado acerca dos últimos trinta anos no Distrito de Mocimboa da Praia. A seguir, fez questão que visitássemos em privado o Museu de Arte Makonde, nomeando um guia, enquanto ele continuou no atelier a trabalhar. Na despedida, ficou a impressão de que seria: Até já!

A conquista do Campeonato pelo Benfica, face à RTP Internacional sempre presente, motivou festejos durante toda a noite, uma monumental e ruidosa caravana automóvel, gente nas ruas até de madrugada.

Nampula é um grande centro urbano que não foge aos sinais das grandes Metrópole. Positivos uns negativos outros, no Mercado há que acautelar dinheiros e valores... Habilmente, a máquina fotográfica do Álvaro foi surripiada, a participação policial foi efectuada e lá estivemos todos a acompanhar.

Ao almoço, no Sporting o Alves foi sucessivamente visitado e cumprimentado pelos antigos companheiros de trabalho. O ex-colega mais velho que não teve direito a reforma, e outro que teve melhor sorte. Protagonizaram momentos dramáticos de despedida, quando em lágrimas «o branco e os dois negros se abraçaram em simultâneo» ... é que é suposto ter sido a despedida definitiva, depois desta surpresa que foi o regresso do Alves.

Juma, Rato e Agostinho, levaram-nos a visitar os pontos principais de Nampula em expansão a ponto de hoje a Metacolia se confundir com o casco urbano, de que foi exemplo a antiga residência do Alves e família a quem acompanhámos na emotiva visita.

A última viagem na Toyota Coaster até ao Aeroporto para embarcar no voo de regresso a Maputo, indiciava que se aproximavam novos sentimentos, novas emoções.

Em 1974, a saída de Mocimboa da Praia tinha sido abrupta.

João, interiormente tinha feito essa previsão quando houve a entrega de Diaca à Frelimo, pelo que certo dia comunicou à Mina que iria passar a dormir no quartel, explicando que se iria dar a breve prazo a saída dos militares de Mocimboa da Praia.

A Mina resistiu quanto pôde, dizendo que quando fosse seria mas que não havia razões para antecipar. Mas a separação deu-se mesmo contra a sua vontade. Cinco dias depois, João era Sargento da Guarda, quando à noite recebe ordens para informar o Comandante de Companhia, que todo o efectivo deveria embarcar duas horas depois para

Lourenço Marques, actual Maputo. Iam preparar a entrada da Frelimo na Capital Moçambicana.

Entre Antadora e a guerrilha no mato, Mocimboa da Praia foi apenas um local de transição para Lourenço Marques e a guerrilha urbana!

DOS RIOS ROVUMA A MAPUTO (XII)

“Testemunho de um jovem (Óscar Monteiro) nas negociações para a independência de Moçambique...Algures em 1973, um médico originário de uma das colónias portuguesas que, por adesão aos ideais nacionalistas, vivia no exílio disse: “tenho mais de 40 anos, não vejo o fim da guerra, os meus filhos estão a crescer, não tenho perspectivas, vou levantar os braços” e ao dizê-lo fez o gesto de rendição que é esse mesmo – levantar os braços. Se a história das revoluções é também feita de cansaço e perseverança, dedicação e traição, se sabemos que o tempo e desesperança podem mudar a força das convicções, o seu interlocutor disse-lhe apenas: não faças isso agora, olha que o colonialismo está já na sua fase final, esperaste tanto tempo, não renunciies. Tiveste a visão da Pátria independente agora tens de perseverar. Ao dizê-lo estava a evocar duas características deste processo – visão e perseverança. Ao lado de figuras heróicas e notáveis, o que caracterizou a maior parte dos guerrilheiros da Frelimo, foram duas coisas simples:

ter tido a visão da independência

e ao longo do tempo, persistir

Mas é fácil compreender melhor porque razão, estavam a ter reacções diferentes: um exercia a sua profissão com brio mas faltava-lhe o conforto dos amigos da adolescência, dos colegas de estudo, a família, e de certo modo o estar a trabalhar para o seu povo, o seu país. Outro, fora mais afortunado: estava a participar em pleno no processo, realizava as suas actividades e participava dos sucessos e angústias de muitos mais que eram os companheiros. Acompanhava a cada passo os triunfos diplomáticos e de mobilização política no exterior do que era a sua tarefa enquanto representante da Frelimo na Argélia cobrindo os países da África do Norte, em seguida a Europa do Sul. A partir de 1971, embora continuando esse trabalho passou a estar baseado em Dar es Salaam e Nachingwea. Ali eram oito a partilhar a mesma camarata. Mais de uma vez eram acordados a meio da noite. Mabote, Chefe de Operações que voltava de uma das frentes, acendia todas as luzes e como sempre ultra motivado queria-nos contar tudo o que vira. O seu irreprimível optimismo era sempre contrariado por alguém que dizia: Mabote deixa-nos dormir, a guerra não acaba hoje. Além das tarefas habituais cada um de era encarregado da formação política de um destacamento em treino – que começava pelo que cada um havia sofrido e que se designava

por narração dos sofrimentos, quais os objectivos, porque se lutava, que a luta não era contra pessoas, era contra o colonialismo português. Por vezes à noite havia palestras por cada um sobre a área que conhecia

Aqui fica o testemunho de um momento particular que tornou possível o avanço irresistível da libertação nos anos 70 que é o da reunião do Comité Central de Dezembro de 1972. Essa reunião iniciou em 4 de Dezembro e terminou em 30 de Dezembro. Em certos momentos a reunião tomou a forma de visitas às zonas de produção e ao treino em Nachingwea. Trabalhou-se nas machamba ou na destronca. Como uma reunião pode durar tanto tempo. Havia assim tantos problemas?

Na verdade a reunião foi um momento de conhecimento mútuo da organização nos seus diversos componentes. Cada um falou largamente do seu trabalho na sua área de actividade. Os responsáveis político-militares (era sempre usada a expressão politico militares para acentuar que não se tratava de militares simples, eram antes de mais militantes políticos que utilizavam uma forma de acção tornada principal que era a luta armada) das várias frentes falaram da situação nas suas zonas, como reagiam as populações, a composição social e étnica das zonas afectadas, os comissários políticos que velavam pela educação política para evitar que a guerra desviasse para uma simples série de operações militares sem rumo nem motivação, os erros, o comportamento. Falaram os das telecomunicações, da logística, falaram os directores das escolas e hospitais sobre o que faziam e os problemas que enfrentavam, os quadros da informação falaram do trabalho que faziam, publicação dos boletins nas várias línguas nacionais e estrangeiras, falaram os quadros da rádio, os delegados no exterior nos países vizinhos que realizavam tarefas de apoio diplomático e logístico e outros que faziam mobilização da opinião pública em outros países, quer amigos quer os tradicionalmente aliados de Portugal.

Todos os sectores eram discutidos por todos. Olhando à distância esta, foi uma reunião chave. Todos os quadros superiores da Frelimo ganharam uma visão conjunta da organização, chegaram após esse longo debate a um entendimento comum sobre o que era preciso fazer, aprenderam uns dos outros e nos seus sectores como utilizar o saber. De resto a palavra de ordem que daí saiu foi “ofensiva generalizada em todas as frentes” e não se tratou de mais um chavão: é a Frelimo que sai dessa reunião que é capaz de conduzir a fase final da luta de

libertação.

Quando eu era jovem dava-se como exemplo de recordações fortes o perguntar às pessoas – o que fazias quando recebeste a notícia do assassinato do Presidente Kennedy? eu recordo perfeitamente. Assim também ficou na minha memória de forma gráfica onde eu estava quando recebi a notícia do golpe de Estado em Portugal.

Estava de férias em Portugal e assisti incrédulo ao 25 de Abril.

Na sequência da reunião do Comité Central de 1972 tinha sido criada a Escola do Partido. Definidas as grandes linhas, era preciso consolidar a formação dos quadros. Participavam neste curso Raimundo Pachinuapa, Bonifácio Gruveta, Eduardo Nihia, João Phelmbe, João Aleixo Malunga, entre outros que exerciam todos funções superiores e intermédias na Frelimo. Os professores eram Gideon Ndobe, Daniel Mbanze, Sérgio Vieira, Joaquim Carvalho, eu, entre outros. Dirigentes como Samora e Marcelino, Guerra vinham dar palestras sobre temas específicos. Cerca das 10 horas da manhã, havia um intervalo – as aulas começavam bastante cedo e os professores tinham uma casa de caniço e chão de terra queimada onde se encontravam. Uns recapitulavam as matérias seguintes, outros estavam de regresso às suas actividades no campo principal, ouvia-se o noticiário (Mbanze era o especialista da BBC, sabia tudo o que se passava).

Numa base, A Rádio França Internacional e num certo momento ouve-se um pedaço do resumo final do noticiário:... “d’État au Portugal. Cette fois c’est pour de bon.....” Ou seja “... de Estado em Portugal. Desta vez é a sério”. A primeira frase podia ser várias coisas uma das quais golpe de estado em Portugal. A segunda tirava dúvidas. “ Desta vez é a sério” referia-se a um levantamento militar fracassado contra o regime de Salazar que tinha tido lugar meses antes quando um regimento militar havia partido da Caldas da Rainha e que ficara designada por intentona das Caldas.

Algures na Europa, uma conferencia pronunciada pelo Dr. Mário Soares, dirigente da oposição portuguesa que se encontrava exilado em França depois de haver sido desterrado para São Tomé. No fim os amigos apresentaram-no a Óscar Monteiro e ficaram a falar da situação em Portugal. “Oscar Monteiro, olhe que esta revolta das Caldas não foi a última. Mais está para vir...” Foi a primeira indicação de que algo de preciso se esboçava.

Procuravam-se mais notícias, entretanto chegavam camaradas nos também com a mesma informação. Avaliada a situação com todos os participantes no curso: a decisão foi unânime, vamos continuar com as aulas. A nossa luta não depende de acontecimentos como este, os nossos objectivos são precisos e só o trabalho contínuo e persistente nos permitiu chegar até aqui. Continuemos pois a esperar notícias e a trabalhar. Todo o mundo nos seus postos habituais.

À tarde foi recebida uma comunicação de Samora pelo telefone de campanha. Ouviram a notícia? Vamos reunir logo à tarde. Partiram para o campo principal, aqueles que eram membros do Comité Executivo (O Comité Executivo era composto pelos Presidente, Vice que era Marcelino e Chefes e Adjuntos de Departamento, Óscar Monteiro era Secretário Adjunto das Relações Exteriores), enquanto alguns ficavam a continuar as aulas. No Gabinete do Departamento de Defesa, reuniões sucessivas com base nos dados disponíveis. Os serviços de telecomunicações já estavam a trazer a transcrição integral e a gravação. Ouvida repetida vezes a proclamação dos capitães de Abril lida pelo Comandante Vítor Alves. A única frase sobre a guerra colonial era a última frase do manifesto – reconhecer que a solução da questão do Ultramar é política e não militar. Só isso. Muito bem! E o quer isso dizer? Independência ou integração democrática no espaço lusitano? Quem eram os novos dirigentes? Um movimento de Capitães, quadros militares intermédios, não marcados por uma ligação com o regime salazarista, e por cima uma Junta de Salvação Nacional dirigida pelo General Spínola com Generais e Almirantes dos quais pouco se conhecia. Mais, nos meses precedentes, Spínola publicara um livro, chancelado pelo Estado Maior General na altura chefiado por Costa Gomes, e à revelia do Governo de Marcello Caetano, intitulado “Portugal e o Futuro” no qual defendia uma solução integracionista no qual as colónias se juntariam a Portugal numa federação. Ao mesmo tempo não se podia desperdiçar qualquer oportunidade para a paz, sem testar a genuinidade dos propósitos dos revolucionários portugueses.

Vamos dormir, disse Samora. Recomeçamos amanhã. No fim do dia as ideias estavam claras: Saudamos a mudança em Portugal. Felicitamos o povo português por ter conseguido derrubar o fascismo. A nossa luta é pela independência. Democracia em Portugal e colonialismo nas colónias não funciona. E com o gosto das metáforas que fazia parte do

discurso político é lançada uma frase memorável: o colonialismo pode ser a coramina que faz reviver o cadáver ainda fresco do salazarismo.

Foi Redigida uma proposta de texto que é circulado por via rádio para os restantes membros do Comité Executivo. Jorge Rebelo difunde-o através da rádio da Frelimo e publica-a no dia seguinte em português e inglês em Dar es Salaam, O texto fica conhecido por conhecido como Comunicado do Comité Executivo da Frelimo de 27 de Abril de 1974 e constitui, salvo erro, o primeiro pronunciamento dos movimentos nacionalistas.

'[...] Se o objectivo do golpe de Estado e o de encontrar novas formulas para perpetuar a opressão sobre o nosso povo, que os governantes portugueses saibam que se defrontarão com a nossa firme determinação [...] O povo moçambicano, que ao longo de 10 anos de luta armada heróico consentiu pesados sacrifícios e derramou o sangue dos melhores dos seus filhos para defender o principio inalienável da sua soberania como nação livre e independente, não recuar dentro diante de qualquer sacrifício para que triunfem os seus direitos e aspirações fundamentais”.

No dia seguinte um telegrama de Mário Soares já nomeado Ministro dos Negócios Estrangeiros propondo datas para um próximo encontro com a sugestão de 4 de Junho, algures na Europa em lugar a acordar. A Frelimo propôs Lusaka, em Africa é que se devem discutir as questões africanas. Agenda: aberta. Datas acordadas: 5 de Junho.

Começou a preparação do encontro. Designa-se a equipa negocial enquanto outros ficam a assegurar o controle das operações em Nachingwea, mas Chipande, Adjunto do Departamento de Defesa vai também. Tal como Aquino de Bragança. Aquino era um nacionalista natural de Goa que se havia ligado aos movimentos de libertação a partir de Paris na geração de Mário de Andrade e Marcelino dos Santos. Jornalista da Revolution Africaine, jornal argelino, manifesta junto de Samora e Marcelino a sua intenção de se juntar à Frelimo por haver passado em Moçambique algum tempo antes de seguir para Portugal e França. Esboçam-se hipóteses (hoje chamaria-se cenários), devora-se toda a informação e análises que chegam de Portugal e que Jacinto Veloso de Argel nos fazia chegar bem como de Moçambique incluindo dos nossos militantes clandestinos (Machungo, Zé Luís Cabaço, Prakash, uns em Portugal, outros em Moçambique).

Era preciso compreender até onde a delegação portuguesa podia ir. Do lado português viriam Mário Soares, Ministro dos Negócios Estrangeiros, Otelo Saraiva de Carvalho e Vítor Machado, diplomata da Embaixada portuguesa no Malawi.

Questão simbólica era como tratar a delegação portuguesa. Por um lado eram pessoas amigas – conhecia-se o passado de Mário Soares e Otelo tinha sido companheiro de alguns moçambicanos na então cidade de Lourenço Marques no Liceu, especificamente de Veloso e Jorge Rebelo; Otelo tinha pessoalmente comandado a operação militar do 25 de Abril da tomada de Lisboa e neutralização do Governo de Marcello Caetano e era uma das figuras emblemáticas da Revolução dos Cravos. A senha para o início das operações era uma canção, Grândola Vila Morena que é posto a tocar pelo moçambicano Leite de Vasconcelos. Ensaia-se também a atitude: Jorge Rebelo faz de Mário Soares. Como nos cumprimentamos? Vamos a apertar a mão dizendo: “apertamos-lhe a mão por que você representa um Portugal novo, um Portugal democrático com o qual esperamos ter um relacionamento diferente”. Em Lusaka quando entraram na sala já começa a anoitecer. O local é imponente: o State House, ou seja Palácio da Presidência de Lusaka, uma construção de dois pisos, grandes salas, a sala principal com a altura de todo o edifício, tijolo à vista, no meio de um Parque com pavões, que é ao mesmo tempo um campo de golfo. Na sala principal, num dos topos está o Presidente Kaunda com a sua figura imponente disfarçando mal o orgulho de ser o anfitrião. A seu lado, Mário Soares e Otelo.

A delegação moçambicana toma posição atrás de uma mesa – que havíamos preparado – para o tal aperto de mão. Porém quando chega à sua posição, Mário Soares surpreende todos: dá a volta à mesa, aproxima-se de Samora e diz: “Deixe-me dar um abraço”. Samora corresponde surpreendido e comovido. É o que se veio a chamar o abraço de Lusaka. É preciso reconhecer a trinta anos de distância a grandeza e valor simbólico do gesto. As verdadeiras conversações são marcadas para o dia seguinte: antes o Primeiro Ministro Mainza Chona convida as duas delegações para um pequeno almoço, por sugestão do seu irmão Mark Chona que era um especialista em técnicas de negociação – de resto o primeiro que os dirigentes da Frelimo conheceram com tal especialidade quando anteriormente havia estado envolvido em contactos com Jorge Jardim. Do lado zambiano estavam os Chonas e salvo erro Grey Zulu, Secretário-geral da UNIP, o Partido no poder. Do lado português Mário

Soares e Otelo, do lado da Frelimo, Samora, Chissano e Óscar Monteiro. A delegação portuguesa estava muito dependente da evolução da situação política portuguesa de momento pouco clara para não dizer pouco favorável à independência.

À mesa das conversações percebeu-se: a posição portuguesa era negociar um cessar-fogo. Samora argumenta: começamos a luta para obter a independência, Portugal que aceite o princípio que Moçambique há de ser independente e haverá cessar-fogo. Datas e modalidades podemos ver mais tarde. Circulam bilhetinhos na delegação da Frelimo: eles não têm mandato para negociar. Estava-se nesta troca de argumentos – começemos pelo cessar-fogo e logo a seguir negociamos quando Otelo (que mais tarde virá a escrever no seu livro *Alvorada em Abril* que havia sido incluído na delegação pelo General Spínola para vigiar as tendências socialistas de Mário Soares) não se contém e solta esta bomba: “eu cá não sou político, mas eles tem razão, Dr. Mário Soares no lugar deles faria o mesmo. Se continuamos assim a discutir, eu não me ensaio nada e passo para o lado deles”.

Tornava-se óbvio que a delegação portuguesa não vinha com mandato para negociar. A Delegação da Frelimo Acorda em discordar. Em atmosfera amena com a delegação portuguesa para redigir o texto do comunicado das conversações: as delegações concordam que a continuação das negociações está dependente de questões de fundo ainda não decididas. Era uma maneira de referir a questão da independência.

O que se ganhou com esta primeira sessão? Desencadeou-se um processo irreversível. O movimento de libertação, a Frelimo, é reconhecido como interlocutor válido para a discussão sobre a independência. Ao abraçar Samora, o Governo português dava o sinal que estava a renunciar o legado da guerra colonial e que a Frelimo não era um movimento de terroristas.

Termina o encontro e uma fotografia com os jornalistas que tinham vindo de Moçambique. Os jornalistas encantados rendem-se. Termina o mito do Samora enfermeiro a quem faziam ler discursos. Começa a história da fascinação entre Samora e os jornalistas. Cada um retorna aos seus postos. A acção da Frelimo situa-se em quatro frentes: primeiro continuar a fazer trabalho de explicação aos quadros e ao povo sobre a situação; segundo, intensificar o trabalho de explicação que a luta não era contra pessoas, era contra o sistema, que qualquer cidadão de qualquer cor e raça tinha lugar em Moçambique, porque se começava

a prever que o foco de resistência à independência viria da população branca; terceiro, preparar as negociações de forma cuidadosa; quarto explicar à opinião pública internacional e amigos dos movimentos de solidariedade que recusa de aceitar o cessar-fogo não era teimosia nem extremismo mas uma exigência natural; quarto e mais importante saber o que se estava a passar em Portugal.

Durante esse período começam a manifestar-se às claras os grupos de apoio à Frelimo em Moçambique entre os quais avultam os ex-presos políticos, militantes clandestinos, estudantes da Universidade, democratas entre os quais católicos progressistas. Vários destes grupos vem encontrar ou reencontrar a direcção da Frelimo na Tanzânia, em Dar es Salaam ou em Nachingwea.

A relação de forças começa a mudar no plano interno. Nem tudo são rosas. O Marechal Costa Gomes de quem mais tarde amigo da Frelimo procura suscitar uma Frelimo de dentro que seria legal composta de antigos militantes, uma Frelimo simpática enquanto que a Frelimo de fora, a militar a terrorista continuaria no mato. Começa-se a preparar os dossiers: o Governo da Tanzânia havia cedido uma vivenda colonial na zona de Oyster Bay onde está edificada hoje a Embaixada de Moçambique. Reúne-se ali todo o material que se pode encontrar: acordos de independência, da Argélia, Vietname de 1954, acordos de cessar-fogo de vários tipos, estudos sobre a economia de Moçambique que nós já vínhamos recebendo e coleccionando. É nessa altura também que Mário Machungo militante na clandestinidade volta com mais informação económica. Ele voltará mais tarde juntamente com Pereira Leite, advogado, membro dos Democratas de Moçambique e aí nos advertem: o Banco Nacional Ultramarino controla 70% da economia de Moçambique.

O golpe de génio do momento é a decisão de Samora de procurar compreender Portugal; Aquino de Bragança tinha os contactos e a sua posição informal dentro da Frelimo permitia fazer isso. Parte para Lisboa e conhece todos os dirigentes do movimento das forças armadas e trava amizade com o seu dirigente mais notável: Ernesto Melo Antunes. Homem de grande sobriedade e rigor, Melo Antunes afirma-se como a pessoa mais importante do Movimento das Forças Armadas, o grupo dirigente da insurreição com Otelo, Vítor Alves, Vítor Crespo que mais tarde vem a ser o Alto-comissário durante a transição.

Mais ainda, começa-se a acompanhar o processo em curso em Portugal: a confrontação política entre o Partido Comunista, o mais estruturado na época e o principal dirigente da resistência ao fascismo e as restantes forças políticas que levava a subalternizar a questão colonial. É nesse momento que o Movimento da Forças Armadas retoma o protagonismo que havia cedido aos generais e entra em força na vida política para forçar uma solução da questão colonial. Já não há lugar para ambiguidades. O mito do Império esboroava, o fim à guerra colonial, havia-se transformado numa reivindicação popular.

Daniel Banze e Óscar Monteiro vão numa missão a vários países da Europa junto dos amigos da Frelimo para explicar a situação: não era sempre fácil. Quem faz uma revolução democrática tem à partida uma grande legitimidade e um grande crédito. Um deputado britânico trabalhista, tradicionalmente apoiante dos movimentos de libertação dispara à queima-roupa antes mesmo de cumprimentar: quando é vocês param com essa carnificina? atordoados, retomam o fio do nosso discurso. Acorde-se no princípio da independência, o resto vai-se resolver. Na BBC rádio em directo para o público britânico: mesma história. Quem propõe a paz tem sempre a posição melhor. Ora nós queríamos a paz mas queríamos a independência. Como tornar isso claro e ter a opinião pública na mão?

Entretanto Aquino marcou encontro com o novo Ministro sem pasta Melo Antunes que está encarregado das questões de descolonização, lugar: Holanda, local exacto a ser indicado pelo Bosgra do Angola Comité, um comité de solidariedade.

Sietse Bosgra era com Giuseppe Soncini, Dina Forti, Lord Gifford e Polly Gaster, um dos personagens mais notáveis da solidariedade com os movimentos de libertação. Austero e calvinista na atitude – só se comia sanduíches durante as visitas na Holanda –, editava um Boletim “Facts and Reports” contendo todas as notícias que se publicavam no mundo sobre a luta de libertação. Bosgra obtém de empréstimo a casa de uma médica amiga do Comité, a chave estava debaixo de um certo tapete de entrada, era só chegar e entrar. eis a chegada da delegação portuguesa: vem Melo Antunes, Almeida Santos já conhecido de Moçambique que faz as apresentações e o Embaixador Cunha Rego Secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros em lugar do seu Ministro impedido. Na realidade a missão moçambicana era ouvir porque a posição era clara. Tinha a posição portuguesa evoluído? A mensagem é inconfundível, Portugal está pronto para avançar para uma solução que respeite o direito de

autodeterminação. A questão colonial passava agora para o primeiro plano. Ficou imediatamente marcado um encontro em Dar es Salaam.

Nos fins de Julho, vem a Dar es Salaam, Melo Antunes e Almeida Costa, do Movimento das Forças Armadas. Foram dois dias decisivos: as conversações são directas, não há anúncio público. No último dia à noite numa máquina de escrever IBM de esfera para a suite de Melo Antunes no Hotel Kilimajaro e compor o que hoje chamaríamos de Memorando de entendimento resumindo as conversações: princípio da independência, reconhecimento da Frelimo, processo de transição, garantias de não discriminação, política de amizade. Esboçam-se as linhas do processo de transição. A acção prossegue. Uma força especial comandada por Salvador Mutumuke assalta o quartel de Namatil ou Omar como era chamado pelo exército português com as armas mais modernas. O quartel é tomado sem derramamento de sangue, soldados são feitos prisioneiros.

Uma nova série de conversações tem lugar de novo em Dar es Salaam agora com Mário Soares e Almeida Santos também no State House de Dar es Salaam. Desenham-se os mecanismos de transição: o Governo será dirigido pela Frelimo, com o Primeiro-ministro e seis Ministros a ser designados pela Frelimo e três Ministros a ser designados pelo Governo português e que seriam os das áreas menos políticas: Transportes e Comunicações, Obras Públicas e Habitação e Saúde e Assuntos Sociais. Notável que os restantes dois Ministros designados por Portugal, Otilio Picolo e Alcântara Santos vem a optar pela nacionalidade moçambicana. Alcântara Santos, depois de uma carreira brilhante como Director dos CFM, vem nos anos oitenta a ser nomeado Ministro dos Transportes e Comunicações e nessa qualidade perece ao lado de Samora na tragédia de Mbuzini. A soberania ficava em mãos portuguesas: a solidez internacional de um Governo de Transição podia ser questionada. Importava deixar claro com quem estava a soberania internacional, ela devia permanecer com um Estado reconhecido na cena internacional. Mas em caso de agressão externa – tinha-se a África do Sul em mente – o Alto-comissário, representante da soberania portuguesa assumiria o comando de todas as forças. Assim à primeira vista paradoxalmente a Frelimo, depois de lutar pela independência contra o Exército português aceitava o seu comando. Era ainda uma forma de lutar pela independência de Moçambique. A transição com partilha de poder que implica manifestava-se ainda no facto que o exercício do

poder legislativo estava repartido. Leis (neste caso os decretos-leis) eram adoptados pelo Governo de Transição mas tinham de ser promulgados pelo Alto-comissário. Nessa altura Melo Antunes dá a informação que Vítor Crespo que era da confiança do Movimento das Forças Armadas seria o Alto-comissário e levanta um problema grave: o MFA encarava muito mal o assalto de Namatil dado que podia ser prenúncio de uma desagregação que eles como militares e como dirigentes não podiam aceitar. Exigiam que a FRELIMO cessasse tais ataques, para o bom andamento das conversações.

Redige-se o grosso dos acordos nessas conversações.

Um novo ponto que vem a constituir a cláusula 16 do Acordo de Lusaka. “A fim de assegurar ao Governo de Transição meios de realizar uma política independente será criado em Moçambique um Banco Central, que terá também funções de banco emissor. Para a realização deste objectivo o Estado Português compromete-se a transferir para aquele Banco as atribuições, o activo e o passivo do Departamento de Moçambique do Banco Nacional Ultramarino. Uma comissão mista entrará imediatamente em funções, a fim de estudar as condições dessa transferência”.

O argumento é irresponsável porque um Banco Central é um instrumento da soberania económica de qualquer Estado. Mais tarde durante as negociações económicas durante a transição para a independência, a delegação portuguesa quer voltar atrás e começa a falar de transferência onerosa ou seja quer vender o que Moçambique já tinha. Tarde piaram... Também se estabelece nos Acordos o princípio da soberania irrestrita de Moçambique, uma cláusula aparentemente redundante. O objectivo é afastar o espectro da dominação neocolonial como víramos acontecer em outras partes de Africa onde a potência colonial continuou a dominar por vezes de forma descarada. Moçambique não será como o Congo Brazzaville do Abade Fulbert Youlou ou a República Centro Africana de Jean Bedel Bokassa. Os moçambicanos não aceitariam, nem seria bom para Portugal.

A partir daí tudo se desenrola com rapidez.

Quando a delegação portuguesa vai dar relatório das conversações ao General Spínola no Buçaco, uma zona de vilegiatura perto de Coimbra, para sua grande surpresa se cruzam com os homens do Fico que era um movimento de portugueses de Moçambique que se opunham à independência e queriam manter a situação colonial. A atmosfera era de vidro. O

general Spínola não queria ouvir falar de independência. Havia sido Governador da Guiné e considerava que o sucesso da sua acção psicológica havia virado os guineenses contra a independência. “Eu ganho qualquer referendo” teriam sido as suas palavras segundo Aquino. Mas a pressão da opinião pública em particular do Movimento das Forças Armadas era irresistível. Portugal adopta finalmente a lei da descolonização aceitando o princípio da autodeterminação com todas as suas consequências incluindo a independência.

Na sequência deste encontro de Dar es Salaam mais um encontro com Almeida Santos para negociar questões em suspenso em Londres no Hotel Holliday Inn no aeroporto de Heathrow com o apoio da Alto-comissário da Tanzânia. O encontro passa-se bem. Para surpresa o Alto-comissário queria no fim um relatório das conversações antes mesmo que se reportasse à direcção da Frelimo. Levou uma corrida. Mais tarde ainda novo encontro. Por coincidência tem lugar no dia mesmo em que se assinam os Acordos para a independência da Guiné-bissau.

Mário Soares e Almeida Santos de novo para finalizar o Acordo.

Depois é Lusaka, Setembro. Apesar de as conversações substanciais terem tido lugar em Dar es Salaam, a assinatura foi em Lusaka para homenagear a Zâmbia. O Presidente Nyerere compreende. Samora pede-lhe que indique um representante para a cerimónia da assinatura. A Tanzânia baluarte do apoio africano à libertação é assim também parte da vitória. Do Frelimo, participam dirigentes de todas as províncias – salvo, se a memória não me falha, Fernando Matavel, comandante de Manica e Sofala dadas as distâncias – que haviam sido convocados para Daressalaam por Samora e que haviam participado na fase final da preparação. Do lado português a delegação inclui o Comandante Vítor Crespo, membro do Conselho da Revolução, que vai ser o Alto-comissário e tem uma maior componente militar dirigida pelo Tenente-coronel Lousada que vem do Comando Militar português em Nampula. Vem também o Dr. Antero Sobral, advogado liberal que integrava o governo provisório que se havia constituído quando Almeida Santos Ministro de Coordenação Territorial havia deposto o último Governo colonial e constituído um Governo Provisório composto na maioria por personalidades da oposição portuguesa democrática em Moçambique onde os advogados eram proeminentes, o que levou a chamar este Governo dirigido por um dos advogados mais proeminentes, Soares de Melo, o Governo dos Advogados. Outros advogados proeminentes

como Rui Baltazar não haviam aceitado fazer parte do Governo reivindicando a sua qualidade de moçambicanos e aguardando instruções da Frelimo.

Vem também participar militantes do interior como Matias Mboa, Mário Machungo, José Luís Cabaço, Rui Baltazar entre outros.

O Acordo principal está no essencial negociado, mais ponto menos ponto. Dois pontos permanecem: a data da independência e o Acordo de cessar-fogo, com os mecanismos que assegurem uma entrega pacífica e tanto quanto possível amistosa entre as duas forças contendoras. Jacinto Veloso, que tinha a melhor formação técnica militar – tenente piloto aviador – para preparar uma proposta e é com base no seu texto que se desenrolam as discussões.

E a data? A delegação portuguesa desejava um ano, nós, seis meses. O nosso argumento era a instabilidade em Portugal. Entre seis meses e um ano é uma data que salta aos olhos: 25 de Junho, data da fundação da Frelimo – dá nove meses o tempo de gestação. Assina-se o acordo. Discursam Samora e os Ministros portugueses, Melo Antunes, Mário Soares e Almeida Santos. A atmosfera é de alegria, sem excessos. De resto na foto mais conhecida altura, vê-se Samora a discursar e os outros de olhos fechados parecendo rezar. Era o cansaço, mais do que meditação!

Uma manhã esplêndida como só o sabem ser as manhãs do Inverno austral. Um sol radioso, o ar fino, uma frescura na natureza e nas pessoas.

O Presidente Kenneth Kaunda anuncia uma recepção para essa noite. A delegação portuguesa não pode esperar parte logo durante a tarde para fazer a ligação para a Europa em Nairobi. Samora trabalha nas instruções a dirigir aos comandos político-militares e aos combatentes sobre o cessar-fogo, o significado da paz, as novas tarefas. Prepara-se também uma comunicação ao Povo moçambicano.

Quando, cerca das 19 horas, para a recepção antes de Samora, já faz noite. No átrio do Palácio, um grupo de jornalistas moçambicanos vindos de Maputo e Beira, está agrupado em volta de um rádio portátil e avisa: está-se a passar algo de estranho em Moçambique, o Rádio Clube de Moçambique (a actual RM) foi tomado pelo Fico, aos microfones está Gomes dos Santos, que está a apelar aos portugueses para se opor aos Acordos assinados, “proteger”

as antenas da Rádio e incitar os militares portugueses à rebelião contra o Governo do 25 de Abril.

Samora convoca o único representante português, o Tenente-coronel Lousada que tinha ficado para partir no dia seguinte com os nossos camaradas para Nampula e intima-o a explicar-se. Ele pouco pode fazer, Samora exige falar com o General Spínola. Essa conversação já foi reportada e não vou estender-me sobre ela. O Tenente-coronel Lousada batia os tacões cada vez que falava com o seu General. Samora toma o telefone, um telefone cor marfim que o Governo zambiano nos ofereceu mais tarde, hoje no Museu da Revolução e fala com Spínola. Segundo nos conta a seguir, o General Spínola fala com voz rouca, está mal da garganta, Samora exige desde logo um pronunciamento claro da sua parte, uma condenação da insurreição “branca”, “desassocie-se, General”. Spínola é evasivo, vou saber o que se passa,...

Sabendo já então da vista do Fico ao Buçaco ficamos inquietos. Não seria esta acção do Fico parte de um desígnio mais vasto de uma contra-revolução em Portugal, como haviam feito os colonos franceses ao revoltar-se contra a política de De Gaulle pela independência da Argélia?

O que fazer? Toma-se aí duas decisões históricas: manter o cessar-fogo e manter o envio dos membros da Frelimo para o Governo de Transição nas datas previstas e enviar no dia seguinte as forças para o interior. Moçambique não recua no caminho da paz, com os riscos que isso implica. O processo era irreversível, o povo não iria parar. Ademais a palavra e o empenho dos que haviam assinado o Acordo.

Samora e o grosso da delegação regressam a Dar es Salaam. de Lusaka se falava facilmente com Portugal. De Daressalaam nem pensar. O Presidente Kaunda instala a Frelimo por Mariano Matsinha e Óscar Monteiro no State House. No dia seguinte uma conversa com Vasco Gonçalves, Primeiro-ministro português, Linha límpida, conversa clara. A posição da Frelimo: vamos respeitar o cessar-fogo, mantemos todos os compromissos. As exigências: condenação inequívoca da rebelião, medidas ao nível militar. “Compreendo a vossa posição, obrigado camarada”. Obrigado, Vasco Gonçalves, até sempre!

Em de 13 de Setembro um avião da East African Airways, um Super VC 10, fretado pelo Comité de Libertação da OUA, dirigido pelo Major Hashim Mbita.

Destino: Lourenço Marques. Escalas: muitas. Tempo de voo: 10 anos. Na pasta os Decretos de nomeação dos membros do Governo de Transição. Chissano é portador do texto que lerá e da gravação do discurso épico de Samora na tomada de posse do Governo de Transição que termina por Unidade, Trabalho, Vigilância. ...”

MARIAZINHA (XIII)

Quem diria que o Rio Maputo ao desaguar no Índico, iria dar o nome à capital de Moçambique? O rio Tembe, que viu nascer Maria em 1958 acompanhou a vida dela; então com catorze anos, sentada à espera no velho portal caruncho da cantina do Sr. Gonçalves. Daquela vez ela não notou a aproximação de um rapaz de cara magra e pernas compridas que por ali andava com os mais velhos. Maria estava em vésperas de uma grande aventura. Tinha sido convidada para trabalhar em Lourenço Marques onde estivera alguns anos antes, e isso era uma recordação que não a abandonava. Na sua algibeira havia dinheiro para comprar sapatos novos, o que a compensava de algum modo, do facto de ter de esconder cuidadosamente sob o banco, os pés e os calcanhares; vestia o seu melhor vestidinho e a mala estava pronta.

Zeca, o tal rapaz alto, foi-se aproximando pouco a pouco; também ele sabia que era o último dia de trabalho de Maria na cantina:

- Você está muito bem posta esta manhã... – disse ele.

- Vai até LM hem?

- Você acha que me vestia assim para ficar aqui? – Perguntou Maria desprendidamente.

- Bem, você costumava fazer isso não costumava? Eu já a vi com essa roupa antes, não vi?

- Não me recordo, Zeca.

- Então é que tem a memória mesmo curta, porque foi comigo no último batuque e a abracei dessa vez.

- Abraçou? Perguntou Maria um pouco alterada.

- Posso dizê-lo.

- Tinha-me esquecido, mas já me disseram que você é tão alto e desajeitado que tem de se encostar às raparigas para não cair.

- Hum! e o beijo que lhe dei no caminho para o baile, e o “fazer máquina” quando a levei para casa?

- Oh! Deus? ... - retorquiu Maria – que foi que eu fiz?

- Bem resistiu, mas deixou e gostou – eu acho.

- Zeca, isso é uma suja mentira!

- Maria, venha até à minha casa.

Nunca! respondeu.

Porquê? – O diálogo interrompeu-se quando chegaram dois clientes.

- Menina... menina – como foi que disse se chamava? ...

Perguntou um deles, sentando-se num dos bancos em frente do balcão.

- Eu não disse... respondeu Maria.

- Então desculpa. Traga três Laurentinas.

Serviu-os com discreta rapidez mas não evitou a mão ousada que lhe apanhou os dedos juntamente com a garrafa, dedos que deixou encostados por alguns momentos. É que ela tinha achado que o cliente não era feio, e não se impediu de o achar simpático.

Zeca, atento mas desajeitado, retomou o diálogo.

- Maria, fiz eu... e você gostou. Não fizeram os outros a mesma coisa?

- O quê? – ao mesmo tempo, sem esperar resposta, lançou-se de cabeça em direcção ao Zeca., acertando-lhe em cheio no nariz que logo espirrou sangue.

Face ao barulho, chegou o Senhor Gonçalves para a expulsar enquanto fechava a cantina e levava Zeca ao Hospital, simulando fúria para evitar a polícia – até porque Maria ia trabalhar no Bar que ele possuía na Rua Araújo, ou Rua do Crime, hoje Rua Bagamoyo. Ela só teve tempo para apanhar a mala de viagem e aproveitou a boleia dos três clientes para a grande cidade.

Foi na grande cidade, no Hotel Íbis, onde era o Hotel Turismo, que os antigos combatentes começavam a última parte da viagem: Maputo e arredores, e o Krueger Park na África do Sul.

Nessa mesma noite, João, aventurou-se pela Rua Bagamoyo fora, rebuscando, o Texas, O Tamila, o Djamila, o Pinguim, o Marítimo, mas nada! Nada existia já. Todavia, onde outrora existia o bar do Sr. Gonçalves, agora totalmente demolido... reconheceu o pavimento de mosaico. Durante longos momentos ali ficou parado. Regressou ao Hotel.

Em Setembro de 1974, João estava de sargento da guarda em Mocímboa da Praia, quando recebe a mensagem de que iria com a sua Companhia para Lourenço Marques.

Pelas notícias confusas, adivinhava-se guerra na cidade pelo que ainda com o espírito

de Antadora na mente, armados até aos dentes, desembarcaram no Aeroporto de Mavalane para atravessarem em Unimog a movimentada cidade onde nas bermas jaziam calcinadas diversas viaturas civis.

Vindos recentemente de Antadora, o aspecto e as roupas metiam medo às gentes da cidade, as fardas gastas, contrastavam com os novos fardamentos da Frelimo com os quais fazíamos brigadas mistas.

Dias antes em Namatil, rebaptizada de Omar – depois da Operação Nó Gordio, uma companhia portuguesa tinha sido aprisionada pela Frelimo; agora, o pessoal de Antadora vinha para aqui, fazer o quê? Antadora era um buraco ainda mais inóspito quanto Namatil. E os meses de Mocímboa ainda não chegavam para recivilizar os militares. Mas Lourenço Marques, e o ambiente cosmopolita as mulheres bonitas de todas as raças, os restaurantes, cervejarias pastelarias e salas de cinema, o Bar do Sheik e da Polana... a Praia magnífica e a fabulosa Rua Araújo, a vida nocturna, era um contraste imenso com a vida anterior em Cabo Delgado. Mas Maputo, diferente do que era Lourenço Marques, permanece igual ao espírito de Antadora – fascinante.

Fascinante o Restaurante da Costa do Sol onde os ex-combatentes celebraram o encerramento da viagem, na Parrillada de marisco ao almoço, e os discursos de todos e a gratidão expressa ao Arruda que retribuiu, de que é justo salientar a intervenção da D. Fernanda esposa do Álvaro, em representação das esposas dos combatentes. Foi um dia de visita à cidade, com a lembrança do drama que foi a pacificação da cidade, depois do caso do Rádio Clube de Moçambique, a segurança ao Porto e das redes viárias, o socorro às famílias inseguras num tempo em que Portugal entregava Moçambique a Moçambique, com a inevitável relação amor ódio. Também a prostituição naquela época era uma mistura explosiva de afectos e de degradação, – Maria, que tinha vindo para LM com catorze anos, ao contar dezasseis, tinha já percebido que o ordenado a trabalhar no Bar da Rua Araújo era muito pouco se comparada com os proventos da mais velha profissão do Mundo, tão bem relatada por Craveirinha. Cedo se assumiu como leader no ambiente da Rua Araújo, em função do estilo não promíscuo que cultivava e exigia do seu parceiro.

Jack, nome com que baptizou o novo namorado durante uma noite de farra, acompanhou-a a casa onde ela vivia com duas amigas que ocupavam quartos individuais,

enquanto por ser a mais nova, dormia na sala da casa de jantar que ficava na entrada da casa. Deitaram-se. Ela silenciosa, ele a insistir com ela. Mariazinha, acabou por dizer:

- primeiro o dinheiro.

Jack surpreendido, vestiu-se e sem palavras ia para abrir a porta, quando ela num ápice retirou a chave e voltou a deitar-se. Ele equacionou: discutir, agredir para recuperar a chave? – Optou por ser paciente e em silêncio voltou a deitar-se. Tentou forçar... ela fechava-se. Tentou abrir-lhe a mão para retirar a chave.... Parecia mão de ferro. Então fincou a sua unha na mão fechada dela, e disse:

- abre a mão e dá-me a chave.

Em resposta, ela fincou a unha do polegar na mão dele. Ambos aumentaram a pressão... a dor estava no limite, quando chegou ao limite, o dinheiro deixou de ter importância. De manhã, quando acordaram sabiam que seriam amigos para sempre.

REENCONTRO DE GUERRILHEIROS (XIV)

O moderno auto pullman não fazia esquecer a velha Toyota Coaster conduzida pelo Juma, mas bem mais rápida, cedo entrámos na África do Sul pela fronteira de Ressano Garcia. No Krueger Park, desde os animais selvagens em ambiente natural, ao luxo dos empreendimentos turísticos visitados e ao magnífico almoço, era já noite quando regressámos a Moçambique, mas antes havia ainda de haver lugar para a emoção e homenagem ao ver a cruz iluminada que assinala a tragédia de Mbuzini, e que foi a morte de Samora Machel.

Ao jantar, juntámo-nos todos na Cervejaria “O Manel” no Alto Maé para uma típica caldeirada.

Depois duma noite bem passada e dormida, bem cedo, voltámos a ultrapassar os limites urbanos de Maputo, Matola, Machava, e em Boane – trinta anos passados aí estavam inmutáveis as instalações militares de Boane.

Foi onde nos finais de 1974, João se deslocou ao anoitecer, para contactar o Director dos campos de Reeducação no sentido de libertar Maria.

Na verdade, como era hábito encontrar-se com Maria na Rua Araújo. Nesse dia foi lá informado que ela tinha sido capturada pela rusga da força mista Frelimo / PSP que teve lugar na noite anterior em que os militares ficaram retidos nos quartéis.

Recebido pelo Director do Serviço de Reeducação, disse quem era e ao que ia, tendo ambos ficado a saber que estavam frente a frente ex-combatentes em campos opostos no magnífico território do Planalto, um na Base Moçambique, outro em Antadora.

O suficiente para se criarem de imediato laços de camaradagem, e margem para especial favor no interesse em verificar a listagem em que havia muitas Marias, Pelo que Sua Excelência lhe deu um livre-trânsito para fazer buscas directas em todo o complexo militar.

Percorreu demoradamente os pavilhões repletos de pessoas de todas as raças sexos e nacionalidades que recebiam instruções acerca do envio para os campos de reeducação, num ambiente de tensão e disciplina espartana impressionante.

Finalmente, dum grupo enorme de pessoas ainda não enquadradas, agitadas porque de repente se ouviu chamar:

- Jack, Jack!

Era a Maria.

Jack perguntou:

- Estás bem? Já jantaste?

Ela respondeu:

- Sim jantei. Como você veio aqui?

- Tratei de tudo, você vai para casa amanhã. Nos abraçámos. Balbuciu: - obrigado.

Regressei ao Gabinete da Direcção com a identificação que entreguei ao responsável que anotou logo os elementos para a libertação enquanto me disse que ia providenciar o meu transporte para Lourenço Marques.

Respondi:

- Comandante, já foi um favor imenso, não posso aceitar, eu próprio providencio o meu regresso. Muito obrigado.

Respondeu:

- Estivemos ambos no Planalto, eu na Base Moçambique, você em Antadora, um favor entre guerrilheiros não se recusa, agradeça ao espírito de Antadora!

No dia seguinte o encontro habitual com Maria não foi na Rua Araújo, mas foi na flatt situada por detrás da Cantina do Diogo no Alto Maé, Mafalala... a vida passou a decorrer normalmente.

Estas memórias eram desafiadas ao reentrar na cidade da Namaacha.

Da outra vez, o serviço tinha sido chefiar a escolta ao técnico norte-americano com o equipamento de retransmissão de Televisão, no alto da serra, onde se encontram os três países vizinhos: África do Sul – Suazilândia e Moçambique.

Desta vez, a visita ao santuário, às quedas de água, ao contacto com a população de igual para igual, e sempre o contraste entre o depósito da água semi-destruído e as tubagens enferrujadas, da água canalizada de outrora, à retirada de água a balde dum poço para consumo doméstico de toda uma população.

Durante o regresso a Maputo, a visita à Barragem dos Pequenos Libombos mostrou como o futuro positivo está ao alcance do Estado Moçambicano.

Ao passarmos por Umbeluzi, onde existiam instalações da extinta Cooperativa dos Agricultores ao Sul do Rio Save, foi inevitável recordar que essa entidade tinha solicitado segurança durante o Governo de Transição, no sentido de que os machambeiros fossem

buscar batata para o abastecimento do Mercado Central. Constituída a Força mista Exército Português / Frelimo. Cada camioneta civil tinha o condutor e uma força naquela proporção; João ia na frente, uma dezena de viaturas em direcção ao objectivo... quando na estrada um grupo de africanos fez sinal para pararmos. Tinha havido dois assassinatos durante a madrugada. Embora a nossa missão fosse outra, havia sinais de grande tensão. A pé, seguimos para o interior das instalações. Numa garagem, dois homens negros deitados lado a lado de costas voltadas, cada um vítima de tiro directo nos ouvidos e com a massa encefálica derramada pelo chão. No chão também, dois maços de tabaco e um isqueiro, e o rádio que ainda tocava música africana, completava este lamentável e macabro cenário. Fomos informados, que vinha já a caminho um Comissário político da Frelimo para controlar a situação. Saímos quando um colono exclamou:

- Com os militares aqui, e vão incendiar aquela Renault 4 L !

De facto iniciavam-se distúrbios. Asseiceiro pensou e fez rápido uma corrida rápida em direcção à população enquanto puxava culatra atrás e apontava. Como que por magia, a Frelimo interpunha-se entre a população e os militares portugueses de armas apontadas, gritando todos...

- Não fazer fogo, não fazer fogo! Assim ficámos minutos que pareceram uma eternidade. Em silêncio, povo, militares da Frelimo e do Exército português, até que chegou o Comissário.... Prosseguimos viagem. Cedo se percebeu que os colonos procuravam diálogo com cada um dos militares portugueses em privado, o que se viria a consolidar à chegada às machambas onde pernoitámos. Os militares Portugueses na vivenda, os militares da Frelimo no armazém (!). Iríamos saber porquê.

Da dezena de colonos, apenas uma família com machamba, ainda tinha a cantina a funcionar. Convidados apenas os militares portugueses para jantar, João reclamou dizendo que era preciso alimentar os homens da Frelimo; que jantassem connosco!

João percebeu o desagrado que essa postura mereceu dos colonos e dos militares portugueses (já aliciados) sob o seu comando. Durante a noite, João foi informado de que tudo estava preparado para a deserção dos militares portugueses e colonos rumo à África do Sul, com o armamento individual depois da eliminação do contingente da Frelimo aquartelado na arrecadação; como tudo parecia consumado, João não reagiu logo. Os colonos, felizmente

foram reunir-se em privado.

Aproveitou os escassos momentos com os militares sob o seu comando para os esclarecer da inevitabilidade da Descolonização e do orgulho que depois de Antadora, iríamos ter, de sermos nós a protagonizar no terreno, a entrega de Moçambique a Moçambique, da virtualidade do nosso regresso iminente a Portugal e da alternativa à insegurança que acto tão irreflectido iria provocar.

João, “recuperou” os militares, com o evidente desespero dos colonos ao saberem da mudança entretanto operada.

CHICUEMBO (XV)

Apesar da captura e difícil libertação de Maria, nem ela nem Jack alteraram a rotina emocionante das noitadas na Rua Araújo, e regresso de madrugada a Mafalala onde pernoitavam. Durante o dia, Jack medicava os doentes no Posto de socorros do Quartel, e na requisição dos medicamentos, fornecia-se de medicamentos para pediatria e suplementos alimentares para as crianças, que entregava ao Cabo Maqueiro negro, o Gustavo que os levava para a família, e os armazenava. Ambos sabiam que a breve prazo os militares portugueses regressavam a Portugal e as dificuldades iriam aumentar em Moçambique.

Entretanto a vida sorria para Maria e Jack.

A inveja das amigas, cada vez a pressionava mais.

Maria, vai ao curandeiro.

Ele faz o feitiço: “chicuembo”

Apenas o revela a Jack, quando certa madrugada ao chegarem a casa, ele vê uma cobra languidamente enrolada no tapete;

- Olha uma cobra!

Maria, dá um grito de alegria, e diz:

- É a minha mãe! Jack ri-se, mas a cobra como que por artes mágicas desaparece. Ele confere no pequeno hall estanque que não é possível a saída.

- Você lembra-se de eu todas as noites tremer e perder os sentidos?

- Lembro, e depois recuperava.

Maria prosseguia a explicação...

- O Curandeiro disse que ia ser assim mesmo, e quando aparecesse a cobra era sinal que o seu e o meu destino iriam ser muito bons para toda a vida!

Jack sorria, e pacientemente continuava a ouvir.

- O curandeiro mandou que na sua última noite em Moçambique teria de dormir sozinho no quartel!

- Era o que faltava, vou toda a noite para os bares,

Respondeu Jack.

- Vai? Se for, eu irei lá com um grupo e partimos aquilo tudo e você irá mesmo para o quartel.

Jack apercebeu-se que ela estava por segundos possessa e furibunda e lhe pediu para acalmar e continuar. Acalmou de imediato, parecia outra, calma e serena!

Continuou, mas agora a chorar:

- O curandeiro também disse que você regressaria a Portugal e que eu não me podia despedir de si.

Jack perguntou:

- Mas você não vai ao Aeroporto?

- Irei.

Disse algo comprometida

- Então nos despediremos; retorquiu Jack.

Ela não respondeu e continuou a chorar de mansinho. Segundos depois disse:

- O seu e o meu futuro serão muito " bom ", mas eu tenho que fazer o que ele mandou.

- Este chicuembo tem uma coisa má: - morreremos no mesmo momento.

Jack, incrédulo – sentiu um calafrio. O dia a dia passava doce e velozmente. Num ápice aparente, chegou 3/12/1974 dia de embarque da Companhia de Antadora, no voo de regresso a Portugal. Jack divide-se entre ficar e partir. Dormiu no quartel. Já no aeroporto, procura na multidão a Maria. Percorre cada espaço do Aeroporto. Os camaradas fazem o check-in mas ele mete-se num táxi e regressa à cidade.

A correr, entra na flatt. Pergunta às amigas de Maria por ela.

- Ela não fala há 24 horas, está no Aeroporto.

No táxi que o aguardava, o motorista pede para ele regressar. Regressou ao Aeroporto. A companhia já estava no interior do avião – vasculha de novo a aerogare... nada. Na aparelhagem sonora é efectuada a última chamada para que Jack entre no avião.

João, Vai à porta do Edifício que se abre automaticamente, e lança um último olhar para o exterior da Aerogare e promete a si próprio: Voltarei a cruzar esta porta. Entra na sala de embarque depois de feito o check-in. O Comandante do avião faz-lhe sinal de que o tempo de espera terminou e que as portas vão fechar, atravessa a pista a correr e entra na cabine, de imediato fecharam-se as portas da aeronave.

Maria Tembe cumpria o Chicuembo.

EPÍLOGO (xv)

A visita dos ex-combatentes portugueses a Moçambique continua e continuará – A Saga de Antadora também, porque a paz foi caldeada com sangue Moçambicano e Português, e os recentes distúrbios no Distrito de Mocímboa da Praia o comprovam. Ao terminar este escrito, a notícia da morte de MARIA TEMBE – será ela a personagem deste romance? – Não sei. Inspirado em factos reais, qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência, Mas constatar apenas, e é muito - que a violência e a falta de respeito pelos Direitos Humanos continuaram para além do domínio colonial, Então, compete-nos a todos, não desistir e resistir pelo direito ao trabalho e à vida. A Maria Tembe personagem deste romance é também aqui um símbolo. Porque ela, vítima da prostituição, e como ela muitas Marias, mulheres que afinal só pensam nos outros e nunca nelas próprias, ficam sempre para trás, mulheres que amam demais. “MBABANE, 28 Jul 2003 (IRIN) - On an unseasonably balmy mid-winter day that seemed more like seaside Maputo than mountainous Mbabane, Mozambican nationals marched to their embassy to protest discrimination they said they suffer in Swaziland. The largest organised protest to be mounted by Mozambicans in the kingdom occurred last week, triggered by the deaths of two Mozambican street vendors at the hands of rangers - municipal ordinance enforcement officers - in the commercial city of Manzini. "We are being killed for nothing. Right now, there are seven dead Mozambican bodies at the Manzini mortuary, and they are all victims of rangers," a spokeswoman for the group told embassy officials...as summoned by Manzini police to help identify the body of **Maria Tembe**, a street vendor who died when struck by a car while fleeing city rangers who sought to confiscate her wares..."O relatório donde este extracto foi extraído não reflecte necessariamente as vistas das Nações Unidas, mas “ IRINnews organization “ é um órgão das Nações Unidas para a coordenação dos assuntos humanitários desde 1995. Para finalizar, já que produzi este livro nos Trinta anos da Independência de Moçambique, Independência que vivi bem por dentro lado a lado com os guerrilheiros de ambos os lados, vou também parafrasear Óscar Monteiro, ele bem no Coração da Frelimo, referindo-se a Samora, eu referindo-me a MOÇAMBIQUE:

Escrevi este romance muitas vezes com as lágrimas a quererem saltar. Quanta saudade Moçambique! Trinta anos sem ti e sempre contigo.

João Asseiceiro